

FAD

ano VIII . # 36

EDILBERTO SOBRINHO

DUDA BREDÁ

DOMINO

GIUSEPPE PETRILLI

Sumário

FALO® é uma publicação bimestral.
março 2025.
ISSN 2675-018X
versão 20.03.25

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto e Marcos Rossetton.
site: Pedro Muraki

capa: *O homem-elefante*, grafite sobre papel de Edilberto Sobrinho, 2019.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

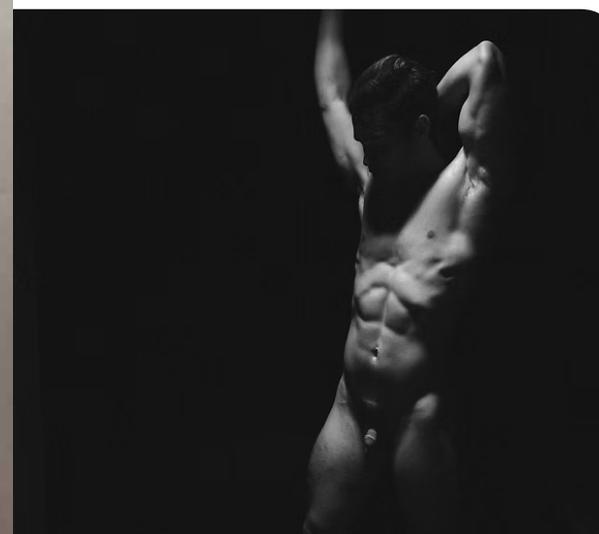
Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.



COMPRE PRODUTOS FALO

COLAB55



EDILBERTO SOBRINHO

6

DUDA BREDA

22

FALO DE HISTÓRIA
Domino

36

FALO em FOCO
Giuseppe Petrilli

50

FALÓFORO

58

ESPECIAL
Poemas para ler com uma mão só

62

FALOLOGIA
Entrevista com Francisco Hurtz

70

CONTOS DO FALO
O homem alto

80

CRÔNICA FÁLICA
Erotografia

82

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor

84

FALO com VOCÊ

86

moNUmento

89

Editorial

Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina (cis/trans) na Arte. Há, portanto, imagens de genitais. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

E escrever um editorial não é uma tarefa simples, porém, existem algumas estratégias. A mais comum é começar falando sobre algo genérico – um evento particular ou um acontecimento mundial – e depois seguir para alguma conexão com as matérias principais. Com a Falô, nem sempre isso é possível, pois não é usual ter uma temática única por edição. Acontece, mas não é regra. Só que, ao fechar essa edição, percebi algumas coincidências (ou não).

O avanço da extrema direita no mundo é assustador e muito contrário a tudo que esse projeto se fundamenta. A ideia do “olho por olho, dente por dente” criou uma “sociedade faroeste”, onde tudo é resolvido à bala – ou à míssil, ou à drone. O terrorismo deixou de ser combatido e virou comportamento social a ser seguido. Ter o trabalho de Edilberto Sobrinho nestas páginas é como uma forte reação ao cenário nacional e internacional. Política, religião, mídias... Tudo relacionado ao poder é escrachado pelos desenhos (sur)realistas do artista.

A masculinidade é também colocada em xeque aqui: o artista do passado – Domino – apresentou a rudeza da figura masculina para revelar em sua trajetória a necessidade de esconder o desejo; Duda Breda questiona a performance masculina cheia de padrões e regras

que foram construídas desde os primórdios da humanidade e vão se sustentando de forma excruciante; Giuseppe Petrilli – artista hétero – entende que precisa trabalhar com o corpo masculino se quer falar de erotismo de maneira ampla e, por isso, aceitou mostrar suas obras com esse teor pela primeira vez em uma publicação; e uma entrevista acadêmica com Francisco Hurtz lança um olhar sobre os processos e as dificuldades de ser um artista gay que trabalha com erotismo no Brasil.

O que realmente me chamou a atenção foi a quantidade de obras em preto e branco nesta edição sem ter sido proposital. Essa monocromia é vista tanto como básica quanto como elegante. Porém, aqui, essa frequente ausência de cores me trouxe uma melancolia. Se a vida já tem seus percalços, a humanidade – que não sei se merece esse nome – vem transformando tudo em uma cotidiana batalha física, mental e emocional.

Não é mais sobre viver: é sobreviver.

Não posso dizer que a leitura será um alento ou uma diversão. Que seja, então, um convite à reflexão e à ação: vamos recolorir.

Filipe Chagas
criador e editor

Edilberto Sobrinho

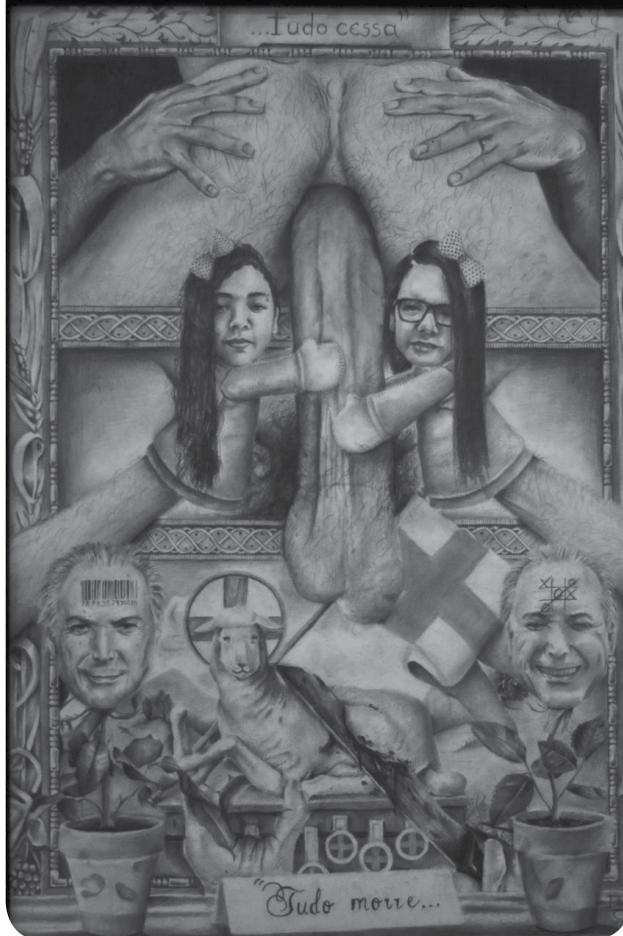
por Filipe Chagas

E muito difícil separar a História da Arte do Poder da Religião. Acredita-se que as representações pré-históricas tinham possíveis funções ritualísticas e até mesmo os faraós entenderam a força dogmática da Arte. Durante a Idade Média, a Igreja Católica se estabeleceu como a maior mecenas da Arte e passou a controlar a produção pictórica do Ocidente. Esse sistema se sustentou até o século 17 e, com a possibilidade de criação livre da influência religiosa, a Arte proliferou em temáticas variadas, inclusive saindo do sagrado para o secular e, às vezes, o profano. Em alguns casos, a opressão religiosa havia sido tão grande que a resposta vinha com força oposta... como no trabalho de **Edilberto Sobrinho**.

Nascido em uma família piauiense, Edilberto foi Testemunha de Jeová durante quase toda a sua adolescência e sua sexualidade foi reprimida de forma agressiva. Com o tempo, resolveu suas questões particulares e encontrou seu espaço, porém, o dano feito pela religião o levou a misturar o simbolismo sacro com pornografia gay como “uma catarse para colocar no papel toda a raiva que sentia ao deparar com o fundamentalismo religioso na política e ao redor”.

A arte sacra me influencia de modo geral, mas há dois grandes artistas que não são desse estilo e que, mesmo assim, moldaram bastante as minhas produções atuais: H. R. Giger, pai do “Alien”, com quem aprendi que era possível colocar pirocas nos meus desenhos; e Laurie Lipton, que faz desenhos gigantescos e extremamente detalhados usando apenas lápis grafite, sendo o principal motivo para começar a me aprofundar e a insistir nesse material como meu principal instrumento de trabalho.

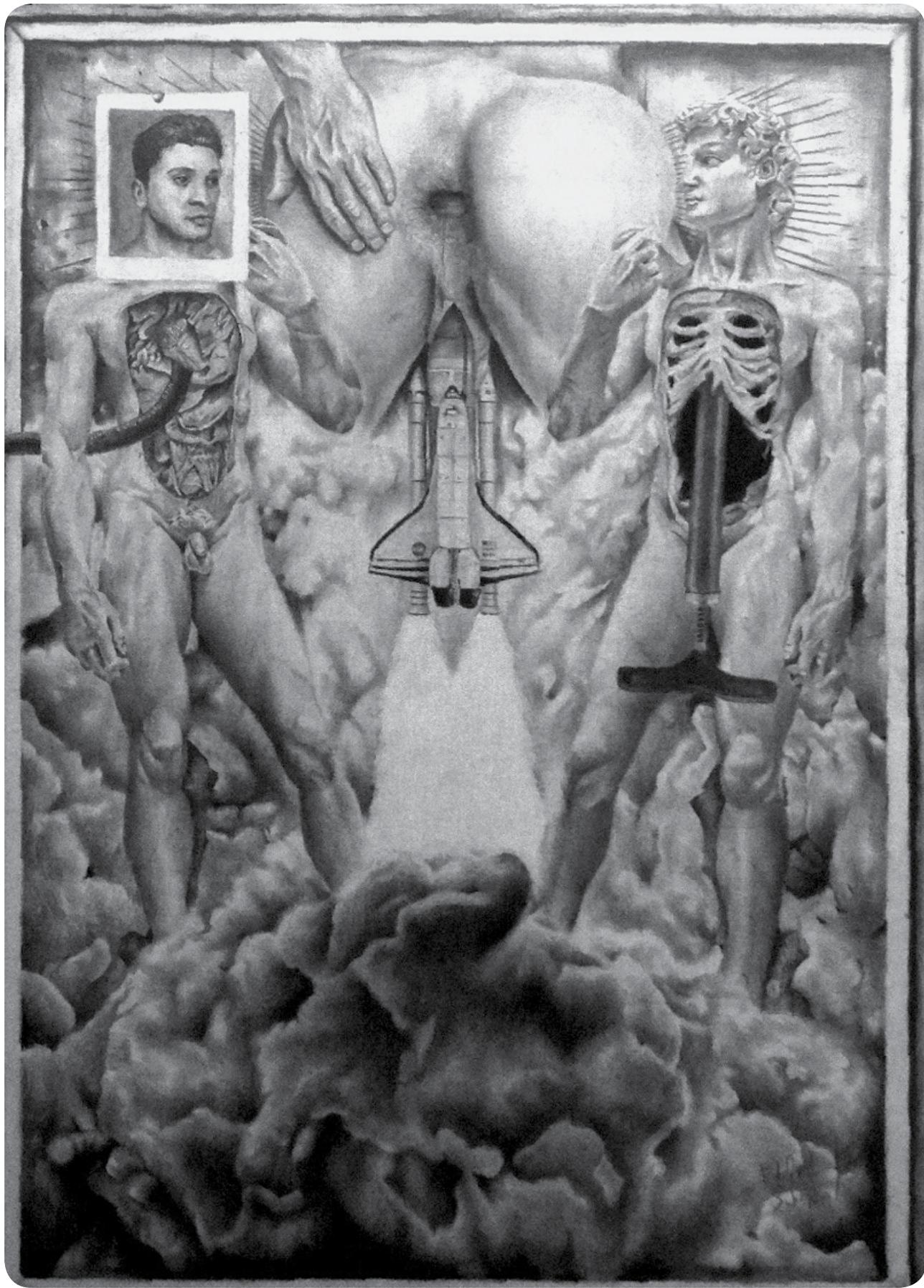
Desde a faculdade, Edilberto já desenhava pênis macabros como uma forma de defesa contra o bullying (“vários dos meus perseguidores passaram a achar que eu era um ‘psicopata’ e se afastaram”) e importante para a construção de sua autoestima (“algumas pessoas gostavam e até mesmo estranhos falavam que eu era bom em algo”). Ele revela que, pouco antes de começar com essa temática de horror, ele tinha dificuldades até de se olhar no espelho, mas os desenhos o ajudaram a externalizar a raiva que não era dele, mas do fanatismo religioso a seu redor. Em 2017, esse caminho se estabeleceu como identidade artística, sendo selecionado para uma residência, criando um coletivo de arte e participando de exposições.



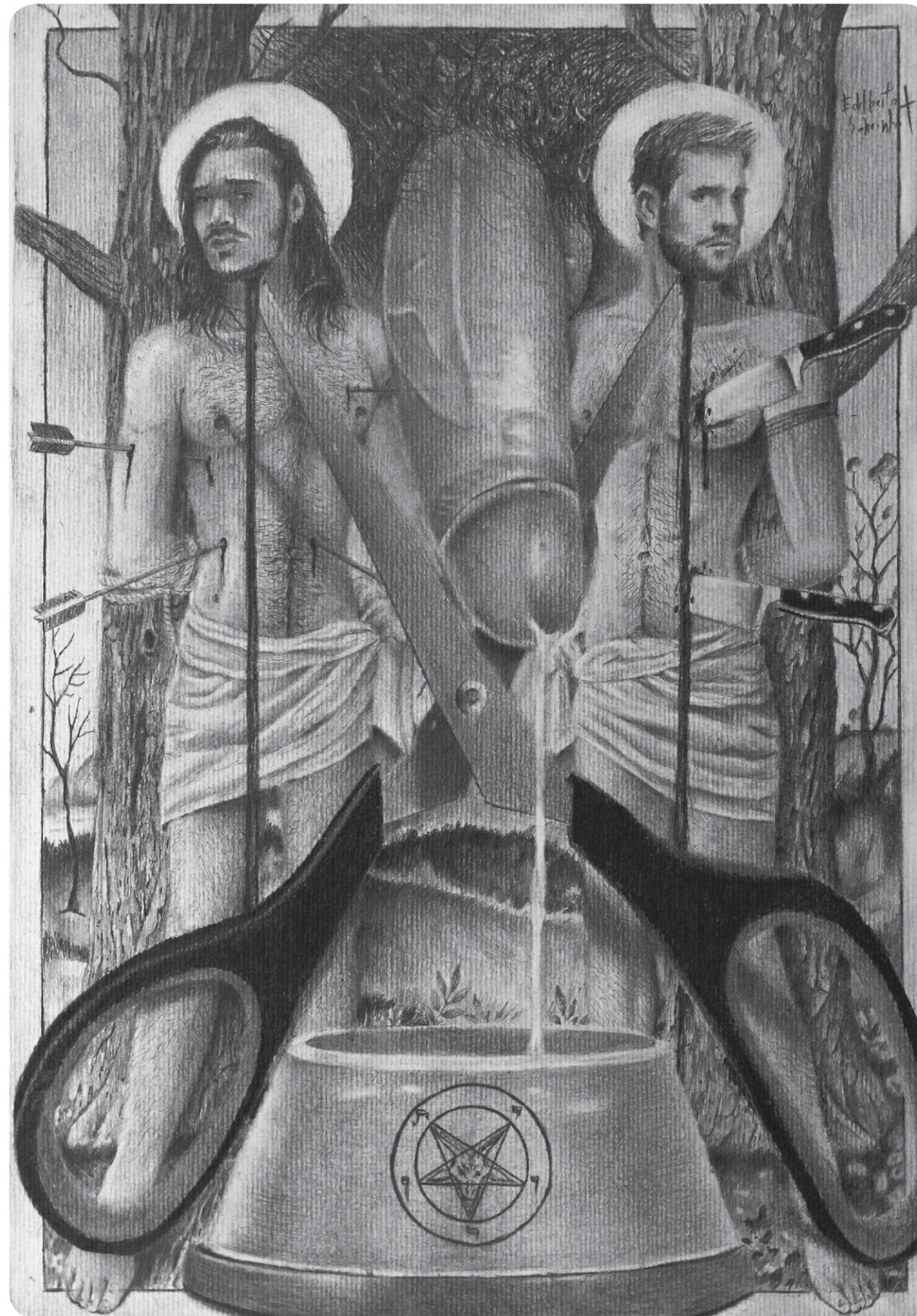
Acima, O mural da imoralidade (2017).
Abaixo, Nossa Senhora da Desgraça (2018).



Regozije-se com o sacrificio do cordeiro (2018).



O portal (2017).



O suplício de São Sebastião (2021).

666

REPÚBLICA FEDERATIVA DA BROTHERAGEM

666

Nº
666666

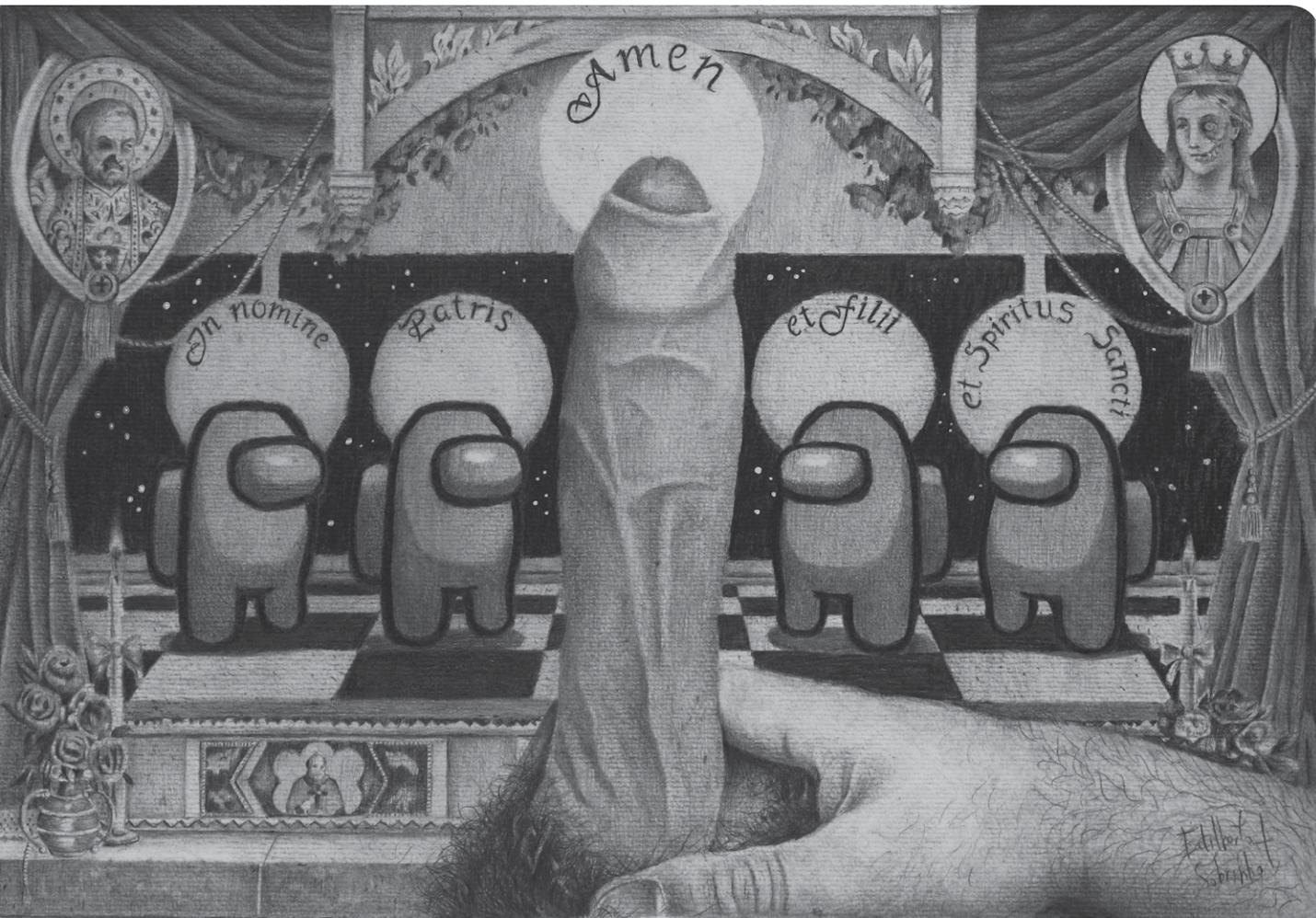
SÉRIE
666F



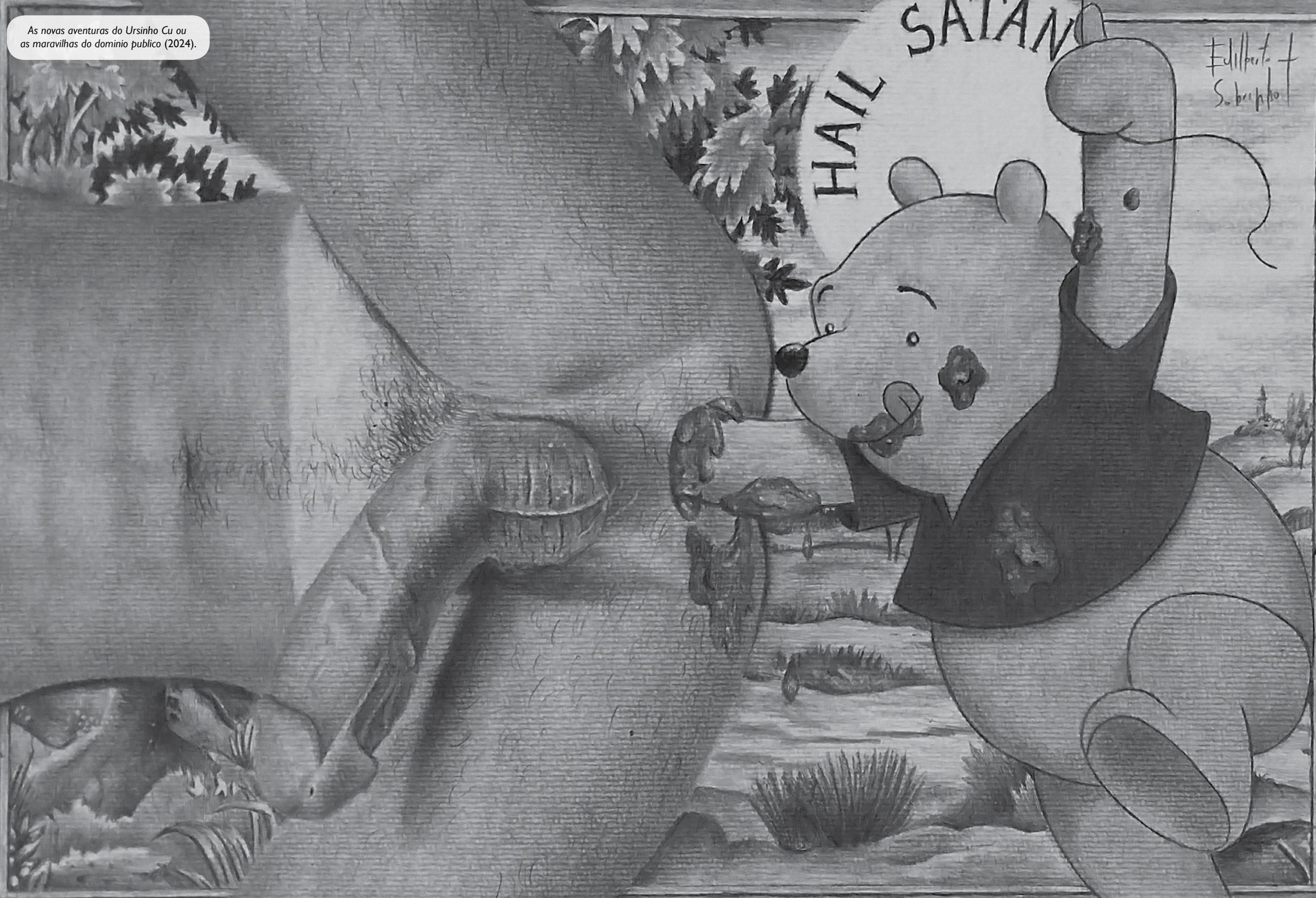
É certo que, em meio à composições sexualizadas e carregadas de provocações às instituições religiosas, a ereção se fará presente com mais frequência do que um pênis flácido (“o pênis normal, por maior que esteja representado no papel, perde um pouco de poder”). Seu processo criativo se dá de forma espontânea – seja a partir de fatos aleatórios, seja reagindo a um acontecimento do cotidiano –, quando começa a buscar imagens diversas (“é como se eu fizesse uma colagem, mas ao invés de recortar e colar, faço tudo a lápis). Sua pesquisa sempre imerge em imagens que possam afrontar o universo religioso e/ou político. O artista também enxerga sua produção como um manifesto de representatividade.

Quando pensamos em arte satânica, em arte de horror, logo imaginamos monstros demoníacos rasgando corpos e se banhando em sangue no inferno, e, quando esse tipo de arte fala de sexo, quase sempre é hétero, com as mulheres sendo submissas a demônios masculinos. Meus desenhos são diferentes pois não destaco o gore ou a misoginia. É como se você estivesse olhando um quadro religioso terrivelmente errado na casa da sua avó. E insisto em colocar corpos masculinos e sexo gay não só como afronta aos religiosos que tanto me fazem raiva neste país, mas também como forma de me representar, de nos representar em um tipo de arte que não é comum nos encontrarmos.*

* Gore (ou Splatter) é um subgênero do cinema de terror que, deliberadamente, se concentra em representações gráficas de sangue e violência. O termo foi cunhado por George Romero. Nos últimos anos, a combinação de violência gráfica e imagens sexualmente sugestivas em alguns filmes tem sido rotulado como *torture porn* (pornô de tortura) ou *gorn*, a fusão de *gore* e *porn*.



As novas aventuras do Ursinho Cu ou as maravilhas do domínio público (2024).



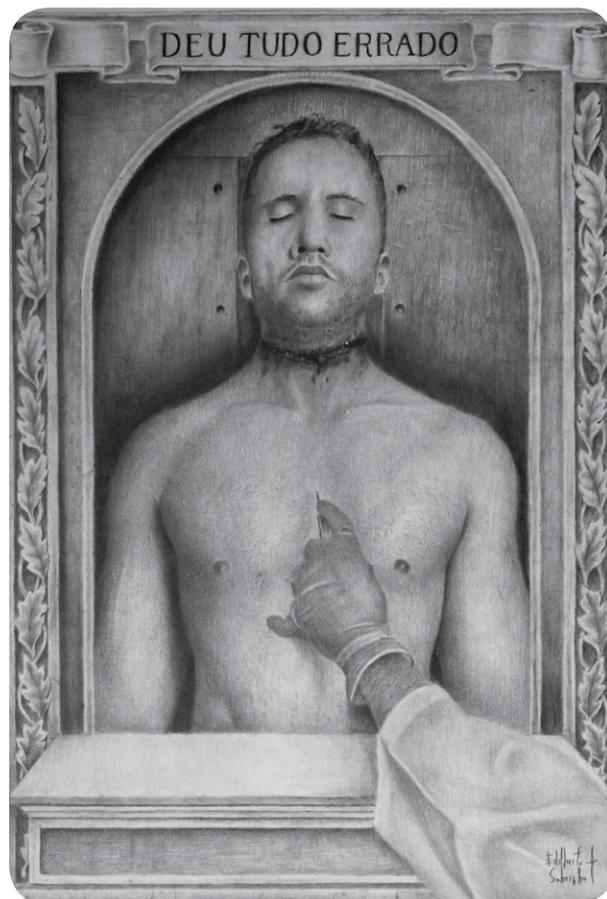


NETFLIX

O Temor do Senhor
é Fonte de Pica.

O jardim das delicias (2023).

Edilberto +
Sabrinhol



Acima, Um filme consagrado a Satanás: A destruição do homem pelo filme da Barbie (2024).
Ao lado, Autorretrato na mesa de autópsia (2020).

Edilberto consegue enxergar a maior aceitação do corpo e do sexo na Arte, mas também vê a força conservadora reacionária oposta que afeta diretamente as redes sociais e, conseqüentemente, eleva a censura na divulgação. Por isso, ele afirma que manter sua essência – pessoal, profissional e artística – é a melhor maneira de enfrentar as dificuldades e permanecer são. **8=D**



Cirurgia plástica para você.



Dr. Alcemar Maia Souto CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000

alcemarmaiasouto@gmail.com

Duda Breda

por Filipe Chagas

Aos quatro anos de idade, **Duda Breda** viu um *Atlas Ilustrado do Corpo Humano*. O corpo masculino desenhado em sua mais alta musculatura e mais baixa adiposidade transformaram seu desejo: desejo de ser e desejo de ser desejado por aquele corpo.

A.S. Falo, fotografia da série *Petites Oeuvres*, 2023.



Anos se passaram e, já cursando Relações Internacionais, fez um curso de seis meses com a fotógrafa brasileira Claudia Jaguaribe sobre o olhar artístico e passou a entender que a câmera era uma extensão de si, um meio de navegar pelo mundo e materializar seus sentimentos em imagens. De 2015 a 2017, então, formou-se pela Digital Video and Photography pela Miami Ad School, em Miami, e pôde finalmente desenvolver seu olhar sobre o corpo masculino.

Tento guardar o olhar que registra a delicadeza e a dificuldade de existir, seja numa aparente força corpórea ou na retidão séria das linhas e das formas, em uma busca eterna do autoconhecimento. Em meu caminho, conheci a obra de Robert Mapplethorpe, que ainda me influencia. Hoje minha maturidade e vivências levaram meu estudo do corpo masculino para seus desdobramentos no mundo neoliberal, da virilidade na comunidade queer quase como uma performance heteronormativa.

G.R. Revólver, fotografia da série Petites Oeuvres, 2021.





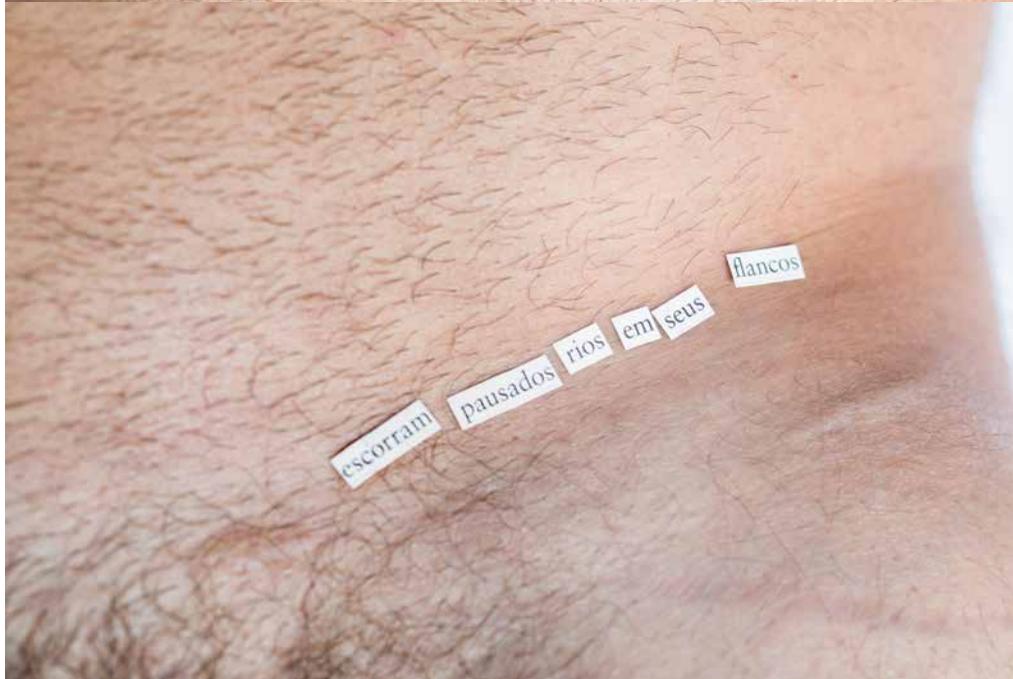
Narciso, tríptico fotográfico, 2021.

Breda revela que sua pesquisa artística ganhou uma abordagem etnográfica, quando se viu imerso nela através da prática do fisiculturismo, uma modalidade que sustenta a construção social e físico do então chamado homem “masculino” e “viril”. Por isso diz que não acredita na temporalidade de “ser” artista, mas no “estar” artista (“sou artista quando e enquanto produzo”).

Seu primeiro trabalho sobre o masculino foi uma série de fotografias em estúdio chamada *Kalos Kagathos*, sobre o ápice do que é belo, bom e virtuoso. Nele, o fotógrafo retratou modelos em poses melancólicas, revisitando

seus próprios dilemas: seu sentimento de vulnerabilidade ao se assumir gay, as marcas da culpa cristã e a performance de virilidade e corporalidade musculosa no anseio de ser desejado.

O torso é a parte do corpo que se apresenta como preferência de manifestação artística e o pênis surge como um mero objeto de continuação da performance de virilidade, seja sutil quando flácido ou potente quando ereto. Isso leva seu trabalho a um tom crítico do falocentrismo pela investigação da masculinidade tóxica e a utilização do machismo como um mecanismo de opressão e sofrimento ao próprio homem.



Nesta página, fotografias da série *Receita de Homem* (2024):

Tórax
“alvoradas ao longo do tórax”

Flancos
“escorram pausados rios em seus flancos”

O sexo
“escoreça a penugem até o sexo velado”

Na página seguinte, *Sem título*, díptico de colagem com páginas de revista e palavras, 2024.

“Aqui”
“imperava o pênis”



Dedication, Physical Magnetism e The True Tonic, tríptico da série The Most Perfectly Developed Man in the World com imagens de revistas e livro, palavras e caixas de medicamentos, 2023.

Teste de esforço, tríptico com imagens de eletrocardiograma, páginas de livro e palavras, 2024.

Fase de Repouso

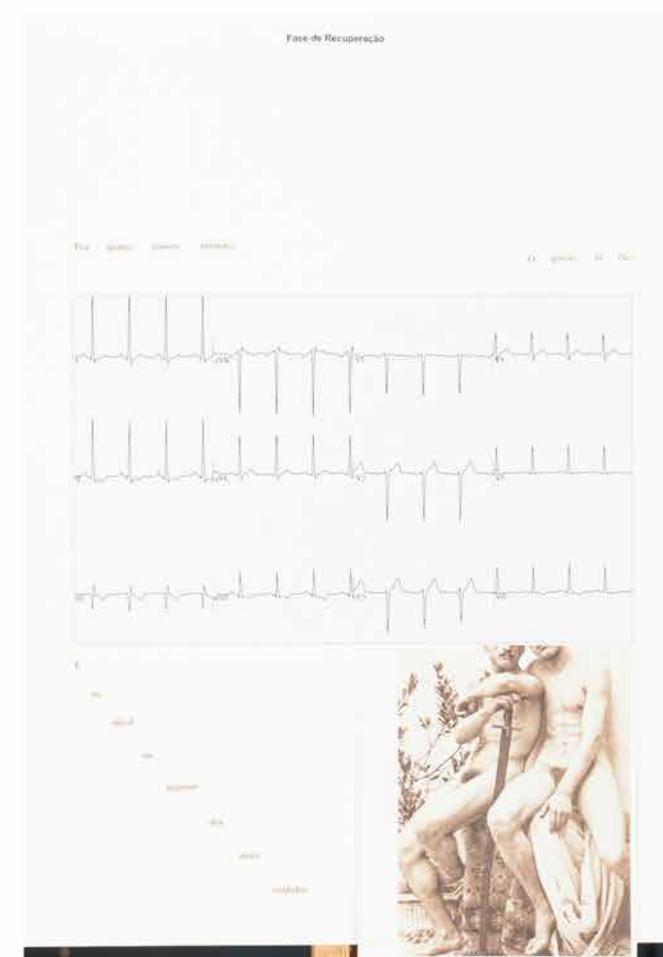
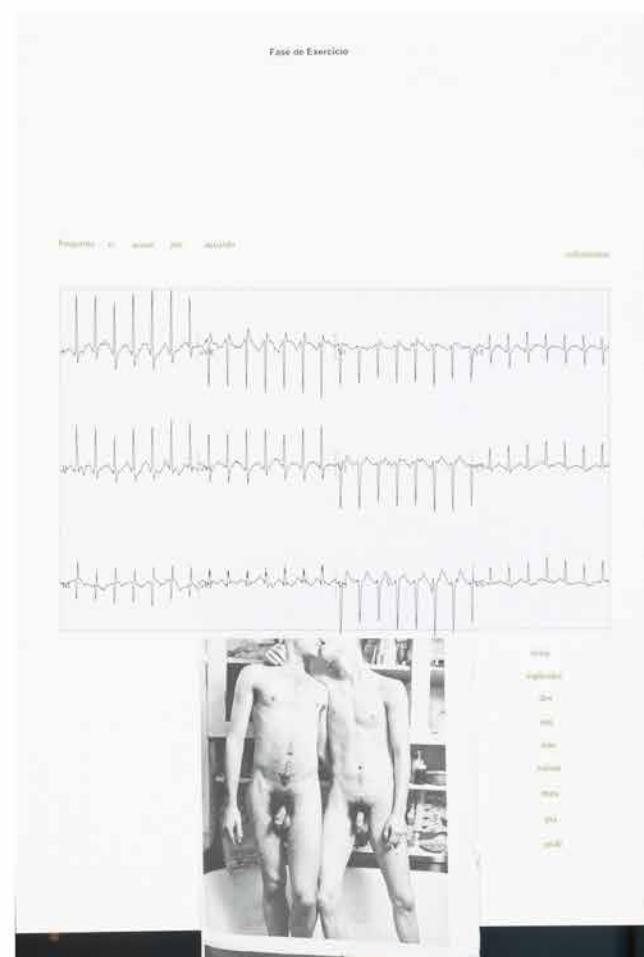
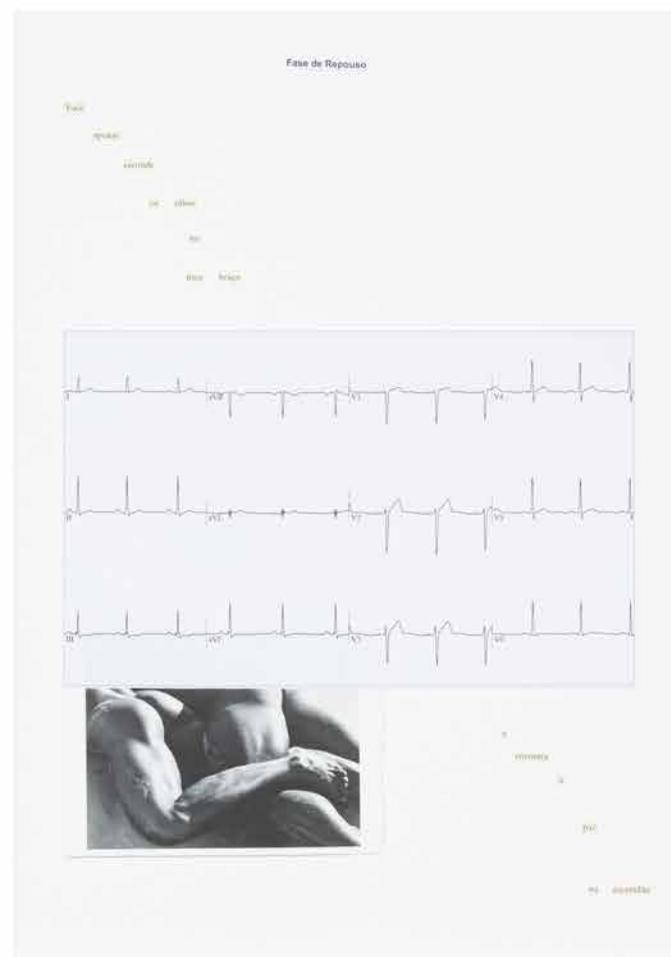
“Você apenas esconde os olhos no meu braço”
 “e encontra a paz na escuridão”

Fase de Exercício

“Enquanto o nosso par aguarda soleníssimo”
 “nesse esplendor dos que não sabem mais pra onde ir”

Fase de Recuperação

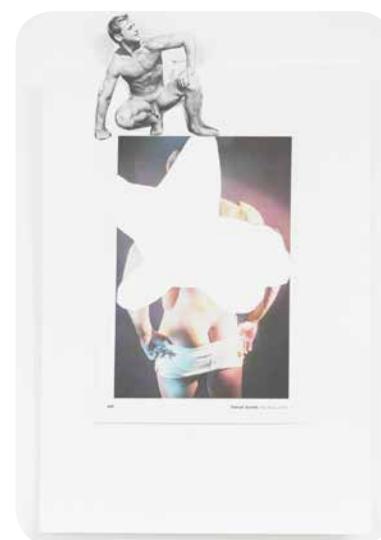
“Tive quatro amores eternos... O quarto és tu...”
 “E eu afinal me repousei dos meus cuidados”



Breda extrapolou da fotografia tradicional para outras linguagens artísticas, como a colagem e a fotoperformance, inclusive com materiais diversos, pois acredita que a arte tem a função de questionar o status quo.

A arte por si só é um objeto de transformação, mas a representatividade de minorias em um cenário artístico predominantemente branco-privilegiado faz da arte algo mais inclusivo e com chances maiores de se tornar universal e consequentemente transformadora. Ainda vejo de forma tímida e lenta fundações e institutos culturais priorizando artistas negros, periféricos, homens e mulheres trans, indígenas e quilombolas.

Série Políticas do Corpo, 2025.



Série Androlatria, 2024.

HOW TO BEGIN



Acima, *How to begin*, caixa de seringas e páginas de livro, 2024.

Ao lado, *Luis V. (frente)*, fotografia da série *Petites Oeuvres*, 2017.

34

Premiado internacionalmente, o fotógrafo se mantém em pesquisa e produção constante, aconselhando que artistas continuem se aprofundando e contestando a conjuntura atual através da transgressão das normatividades.

8=D



APRESENTAMOS

GALLERIST

NOSSO PROPÓSITO É CRIAR UMA PLATAFORMA QUE AJUDE A PROMOVER ARTISTAS INDEPENDENTES, BEM COMO ORGANIZAÇÕES QUE FOMENTEM A IGUALDADE E DIGNIDADE DAS COMUNIDADES LGBTQIAPN+.

50% DOS LUCROS IRÃO PARA A CASA!



CONFIRA A COLEÇÃO JÁ DISPONÍVEL EM
WWW.BEARKIN.COM.BR

BEARKIN'

MODA
R
T
COMUNIDADE

Falo de História

por Filipe Vargas



Domino

1929-1990

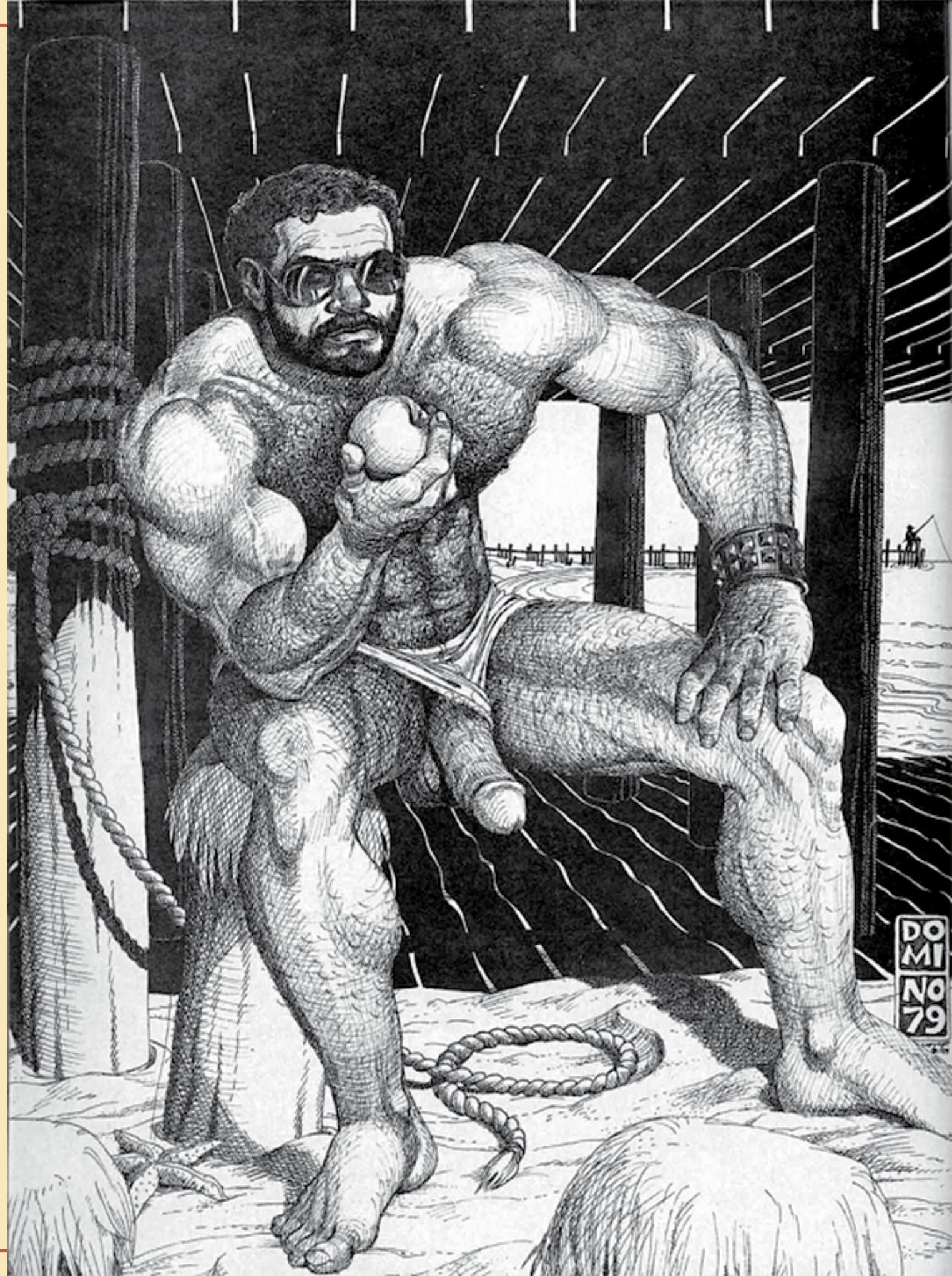
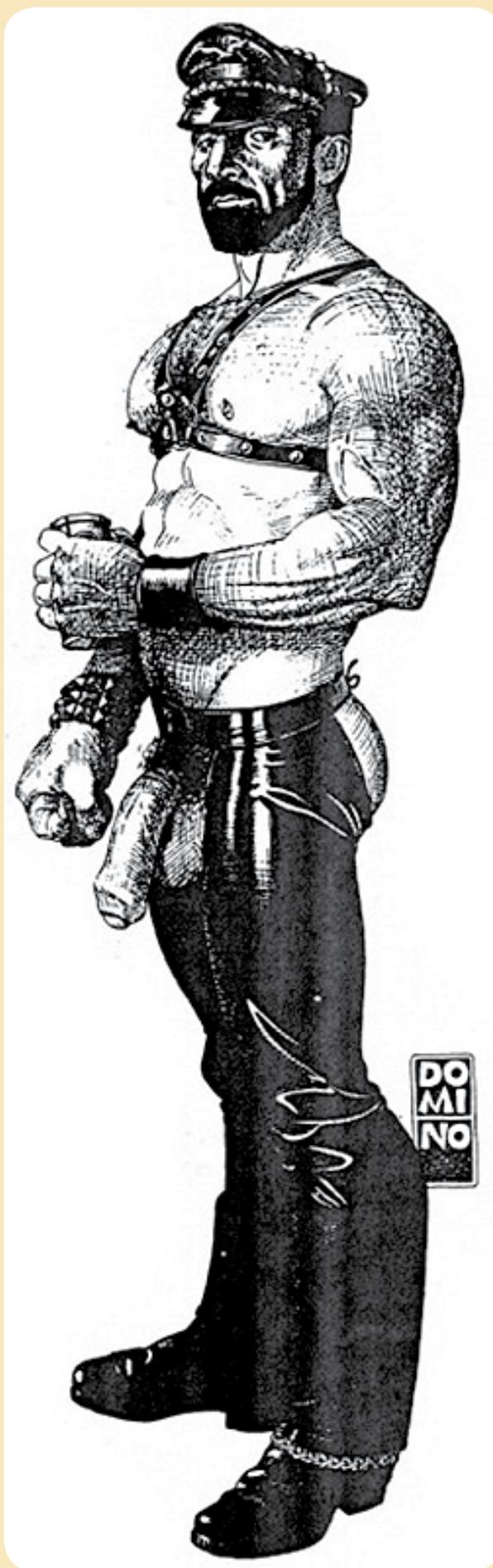
O artista estadunidense **Donald Merrick** (1929-1990) precisou criar o pseudônimo **Domino** para apresentar suas ilustrações à caneta de arte erótica gay. Merrick nasceu em Crosby, Minnesota, uma cidade conhecida pela mineração de ferro. As jaquetas de couro moldadas nos músculos dos mineiros de ferro chamaram a atenção do jovem Donald muito antes de ele ter idade suficiente para fazer qualquer conexão sexual.

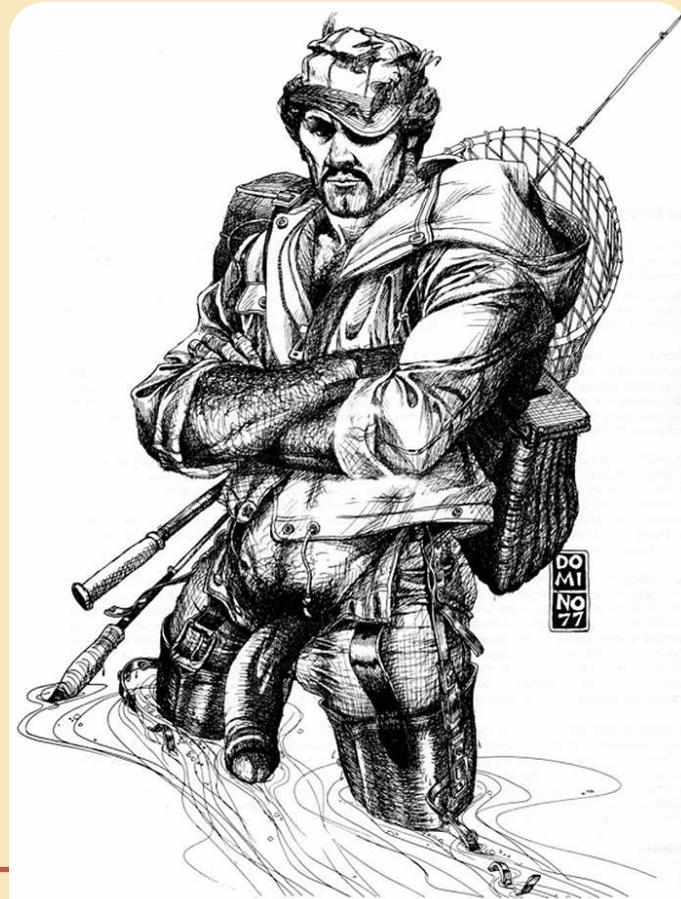
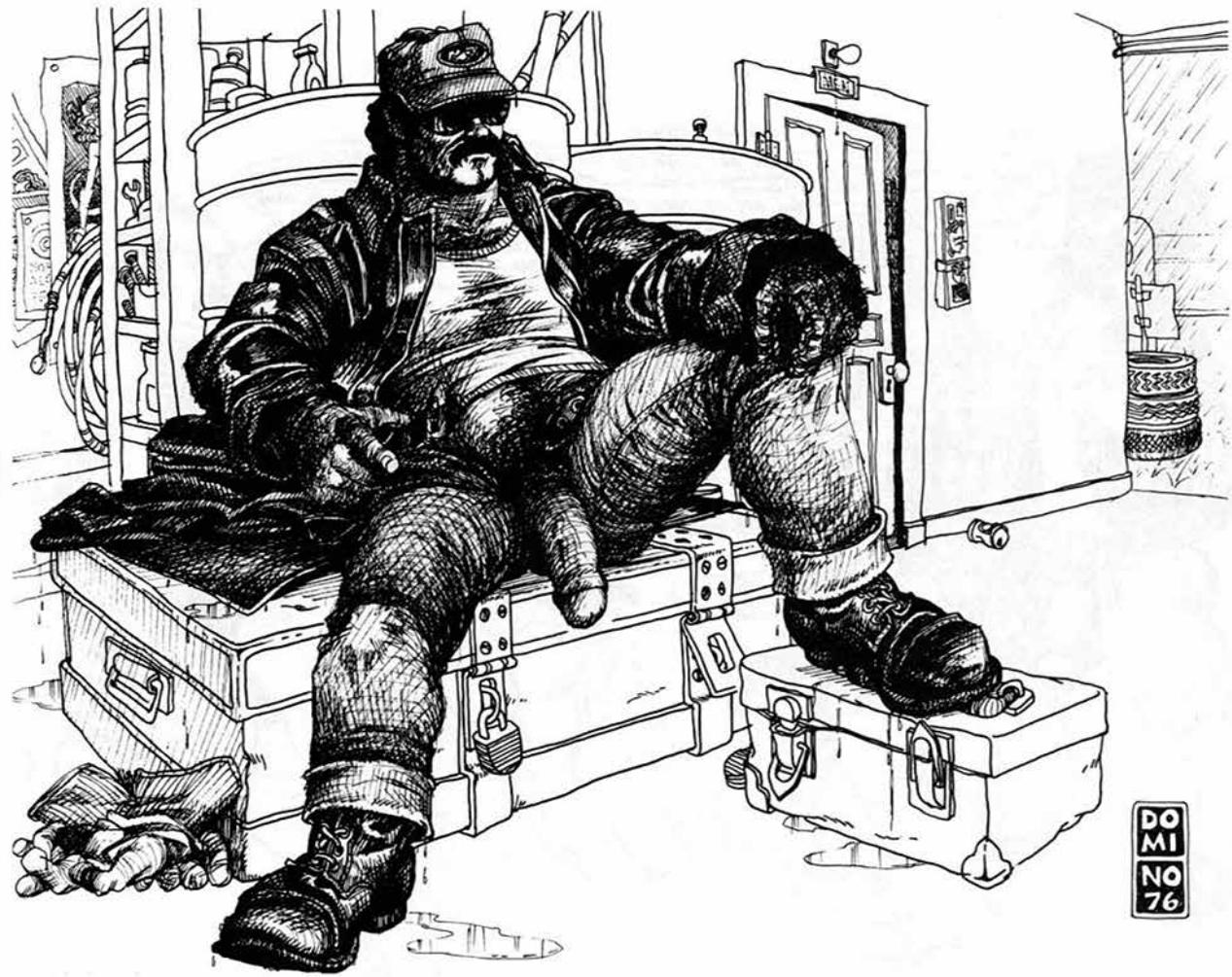
As botas surradas dos mineiros cobertas de lama vermelha fizeram meu coração bater forte muito antes do meu pau. Comecei a desenhar quando adolescente apenas para aumentar minhas fantasias eróticas privadas de punheta.

Depois de se formar no ensino médio, ele passou vários anos trabalhando pelo país, como lenhador, motorista de táxi, lavador de pratos, guarda florestal e ainda foi militar da Marinha dos EUA – onde adquiriu uma inesgotável fonte de inspiração nos uniformes, tanto fora quanto dentro deles. Obteve um diploma de bacharel em arte pela School of the Art Institute of Chicago, seguido por um mestrado pela University of New Mexico, em 1955.

Profissionalmente, Merrick se descreveu como “um humanista – não perfeito em detalhes, mas em termos de transmitir o sentimento de personalidade”. Ele se inspirava em pessoas fazendo seu ofício, como policiais, motoristas de caminhão, frentistas e trabalhadores de restaurantes.

Acredito fortemente na importância do trabalho de uma pessoa para sua vida. Provavelmente inspirado por meu tio, um electricista de uma empresa de energia, cujo equipamento de trabalho pesado ficou muito associado em minha mente ao trabalho duro que ele fazia e sua bravura diante do perigo. Colocar isso no papel se tornou um dos meus principais objetivos na vida.

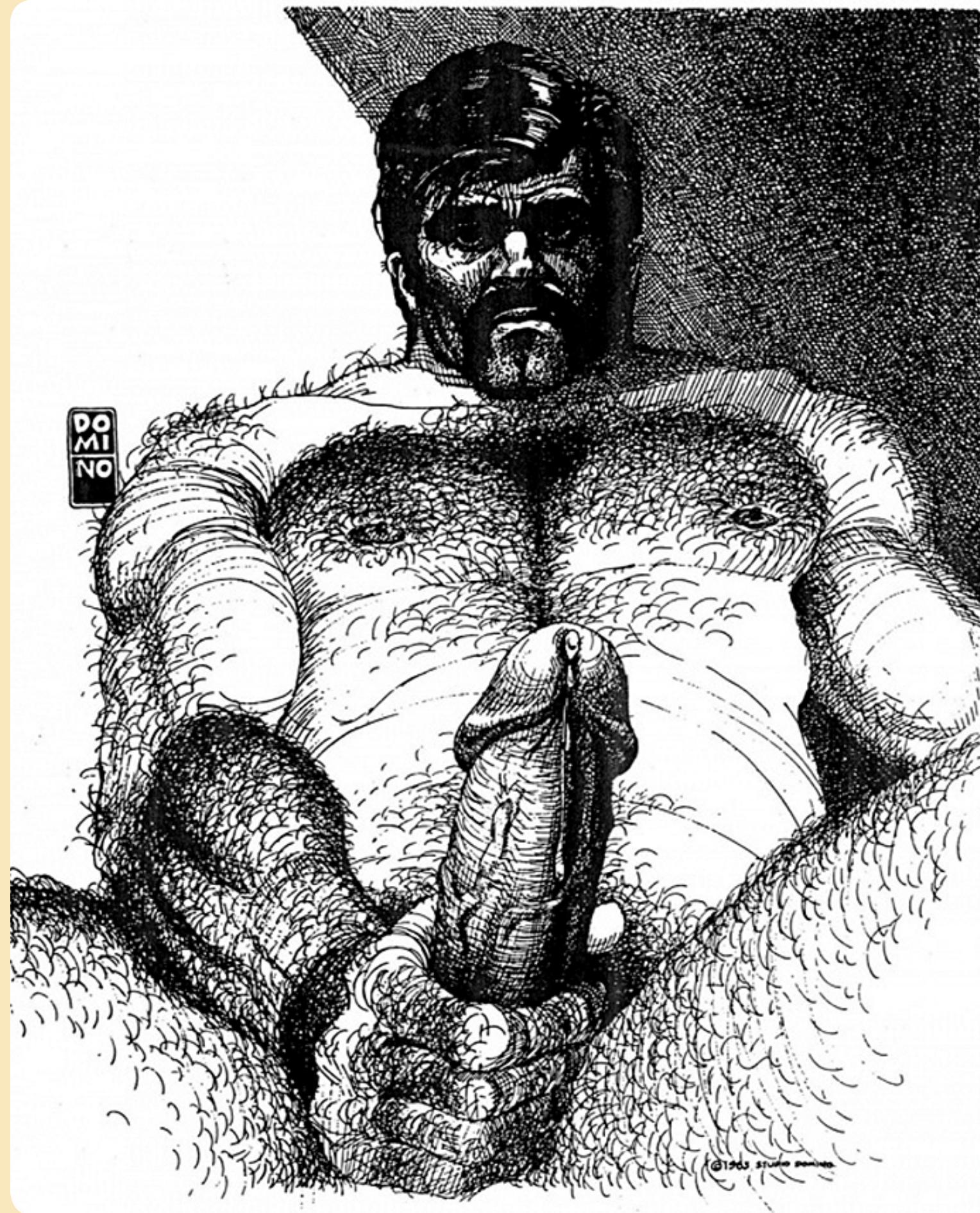




Este tio também foi responsável pelo despertar sexual do jovem. Certa vez, ele o acompanhou em seu trabalho e teve dificuldade de esconder sua excitação ao ver seu tio “um mestiço moreno, rude, construído como um tijolo” em ação. Merrick atestou mais tarde: “ele foi um professor e tanto”.

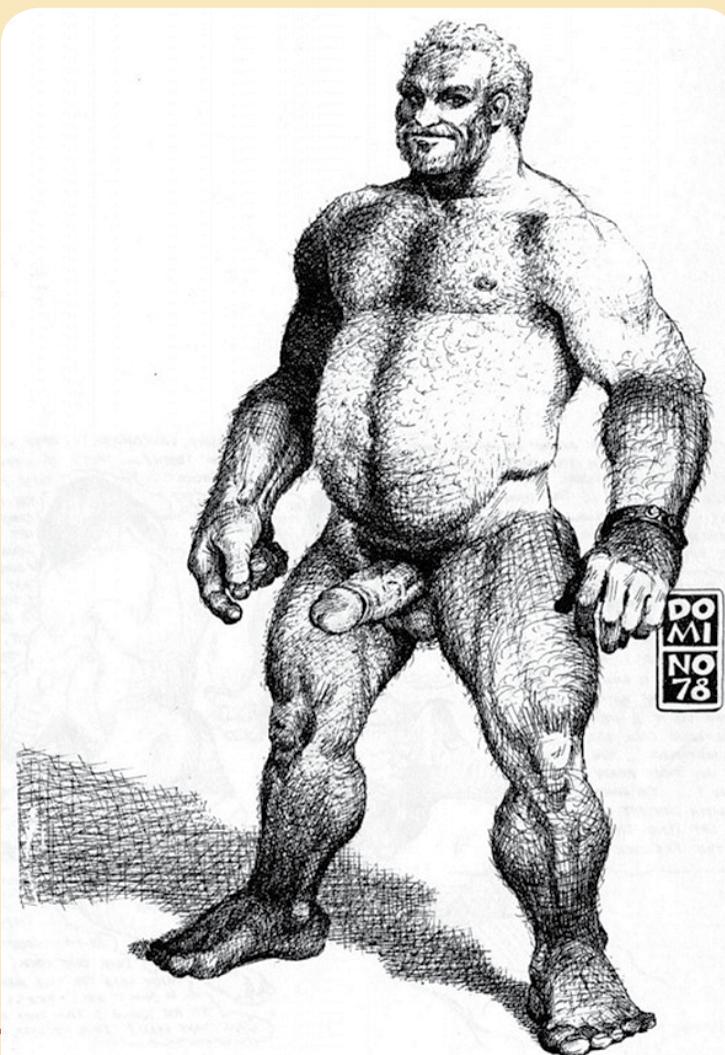
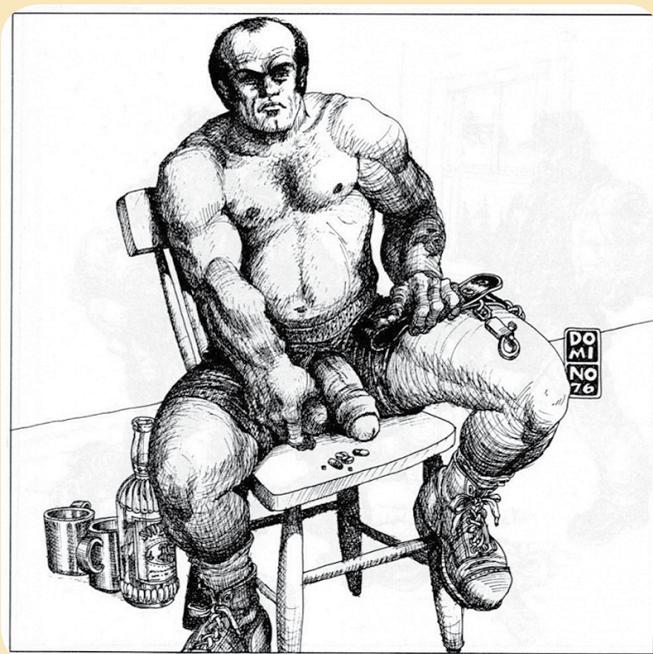
Merrick teve uma carreira de sucesso e deu aula em várias universidades. Em 1960, mudou-se para Nova York e se tornou diretor de arte da Arts Magazine. Em 1963, foi nomeado chefe do Departamento de Belas Artes da Fairleigh Dickerson University em Nova Jersey. No entanto, sua verdadeira paixão – a arte erótica – era mantida escondida e até mesmo destruída desde a adolescência. Durante os últimos anos de seu casamento, Merrick começou a guardar fotos eróticas masculinas e, após se divorciar de sua mulher, assumiu o nome Domino (“escolhi esse nome porque parece Don Merrick se você enrolar a língua”) para compartilhar sua arte. Em uma entrevista de 1978, Merrick declarou:

Desenhar o homem americano era realmente muito mais vital, pessoal e importante para mim do que pintar a cena americana, como eu estava fazendo profissionalmente. Colocar todo o meu ímpeto criativo na pornografia me lançou no produto artístico que agora estou pronto para exibir. Eu os mantive como meu pequeno segredo por anos enquanto viajava muito, trabalhava em muitos empregos, na verdade, perseguindo uma carreira como pintor. Jogar um pouco de forma e técnica nessas cenas quentes simplesmente adicionou mais uma ou duas excitações para mim. Intelectualmente e eroticamente, nada foi comprometido. Estou me divertindo em muitos níveis quando faço os desenhos e, se eles fizerem o que devem fazer, eles trarão um bom momento em qualquer um ou todos esses níveis para aqueles que os veem com suas cabeças e seus paus duros: pretendo que meus desenhos causem orgasmo.



Influenciado pelos trabalhadores de sua cidade natal, Merrick enxergava Tom of Finland como uma referência, porém, se desencantou com o estereótipo inatingível de beleza e buscou a rudeza real que o instigava:

Em algum momento, descobri os desenhos do grande Tom of Finland. Parecia notável que outro artista estivesse registrando os mesmos ombros montanhosos, as mesmas bundas firmes e ásperas, as mesmas mandíbulas sólidas como pedra que eu. Poderia ser um ideal universal? Eu estava vendo esse mesmo "homem perfeito" repetidamente nos desenhos de inúmeros outros artistas gays. A repetição desse arquétipo fez com que esse "ideal" começasse a perder seu apelo especial para mim, porque ele existia apenas no papel, não em bares como um homem com quem você poderia realmente ir para casa. Minha excitação sexual na vida real era única. Então, me propus a tarefa ambiciosa de capturar em tinta os diferentes tipos de apelo sexual individual que tornam até mesmo homens feios, sujos ou ameaçadores bonitos. Se eu conseguisse dominar a transformação de trabalhadores rudes, crus e agressivos em objetos sexuais de desejo, então, imaginei, talvez um dia eu pudesse igualar o que Tom havia realizado: não os homens-de-nossas-fantasias criados por Tom, mas os homens-das-nossas-realidades criados por mim. Como eu acreditava firmemente que um artista só pode pintar ou desenhar aquilo que ele conhece bem, persegui o tipo de homem que eu amava para reunir uma quantidade enorme de dados visuais. A tarefa provou ser tão prazerosa quanto educativa.

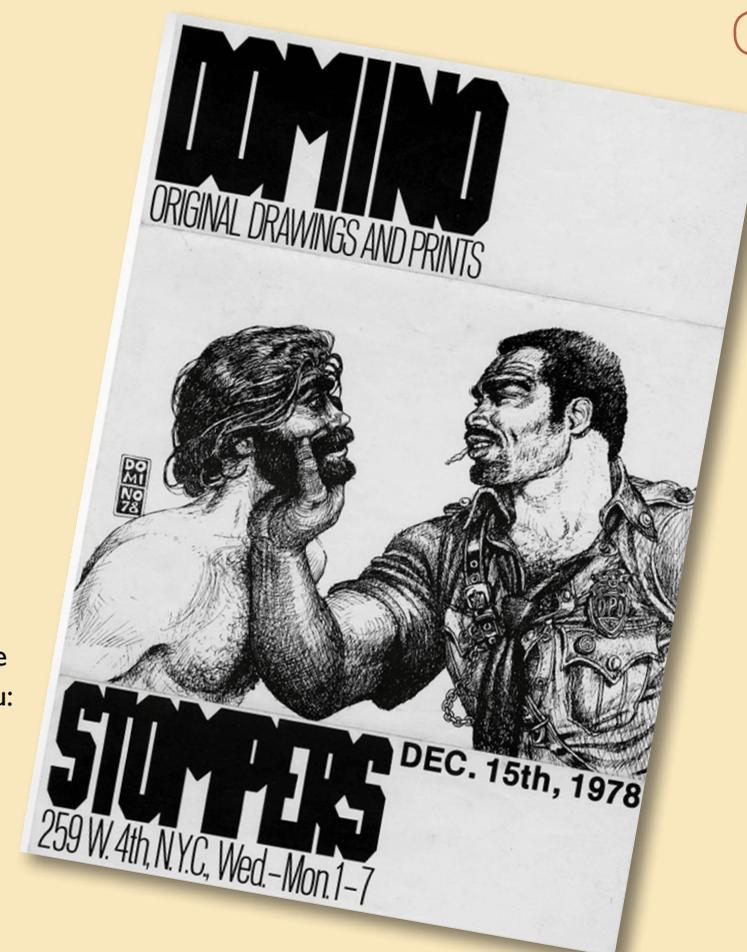
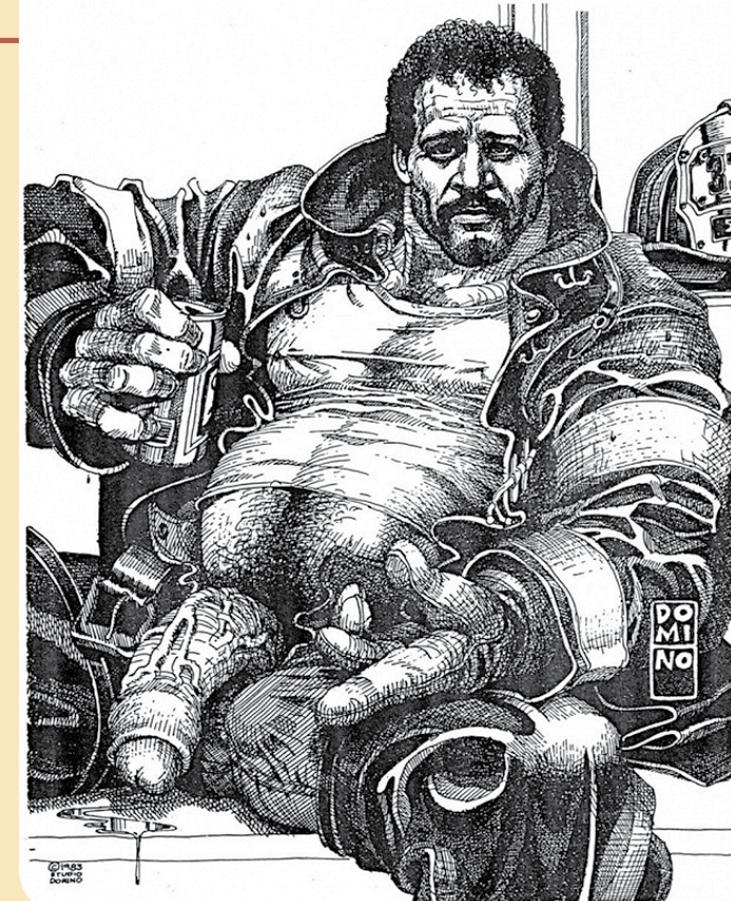


Merrick fez amizade com outros artistas eróticos, e teve sua arte publicada na famosa revista *Drummer*.

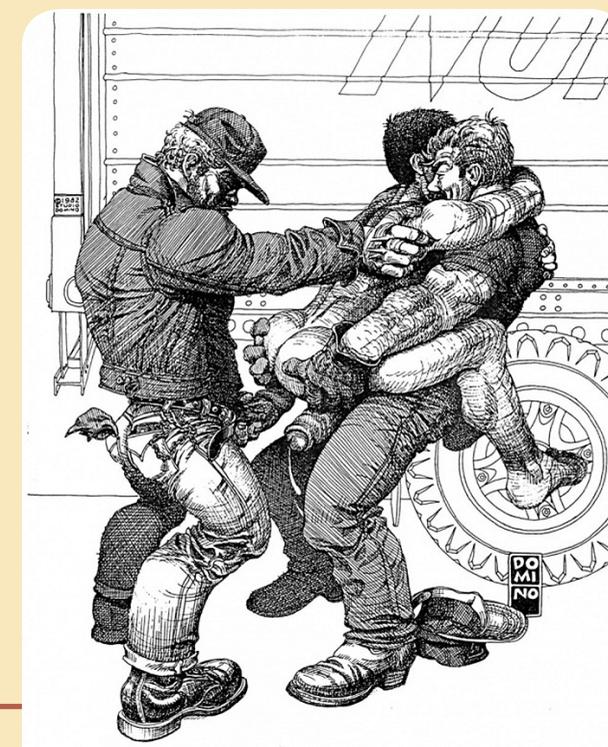
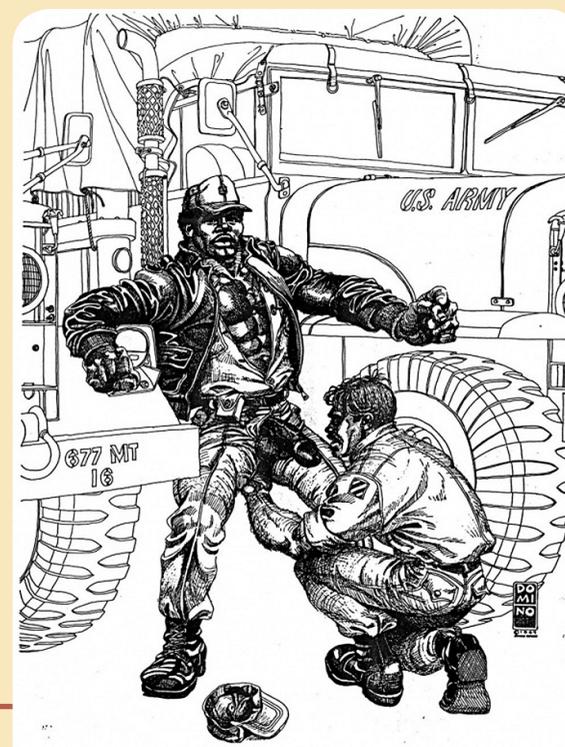
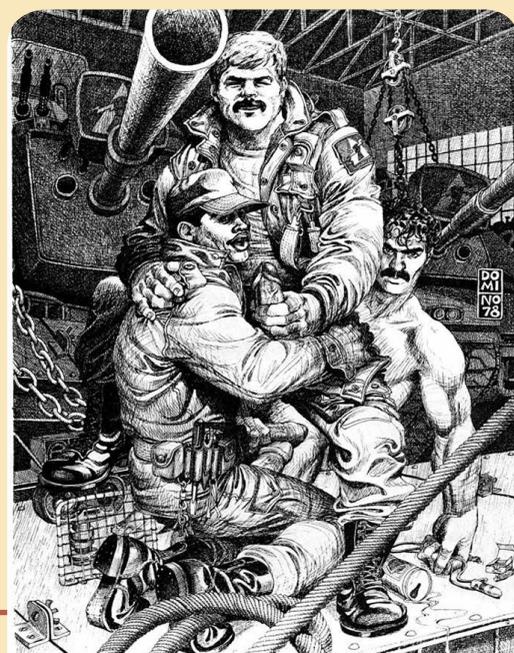
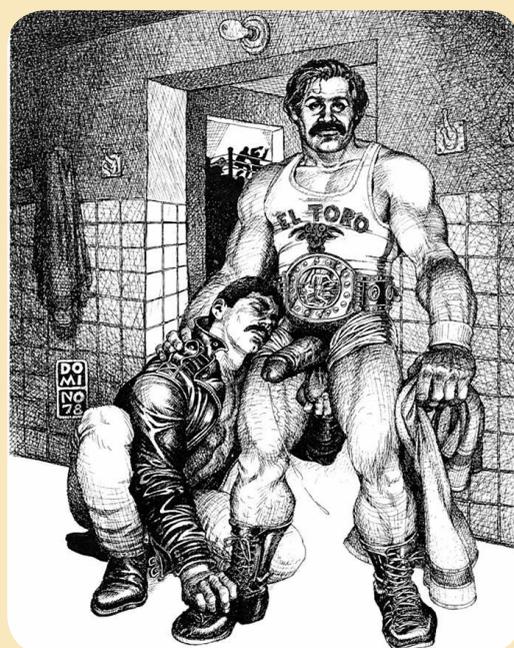
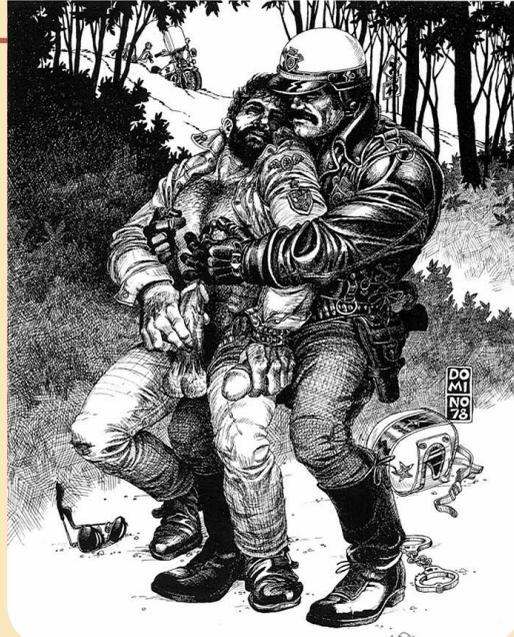
Domino abriu a porta. Aperto firme. Nós nos examinamos. Domino: magro como uma raposa, olhos pretos, barba escura e peludo (um ponto positivo definitivo!). Um pouco de conversa fiada. Então, ele abriu o zíper do portfólio e tirou sua primeira peça. Seus desenhos eram quentes! Vermelho-Quente! O tipo de coisa que deixa a ponta do seu pau molhada. Minhas bolas suavam sob aquele anel de latão. Mais desenhos de homens gostosos em cenas de sexo quentes. Meu pau escorregou pela perna da minha calça jeans! No mundo de Domino, axilas fedem, mamilos e peitorais peludos estão pingando suor. Os shorts sujos são rasgados e puxados para baixo até os tornozelos. Os boquetes forçados e as gang-fucks cheiram a detalhes eróticos. Sexo com barriga de cerveja. Lodo de banheiro, sujeira de hotel e xixi de metrô. Couro. Botas. Armas. Tudo em glorioso preto e branco!
– A. Jay, diretor de arte da *Drummer*

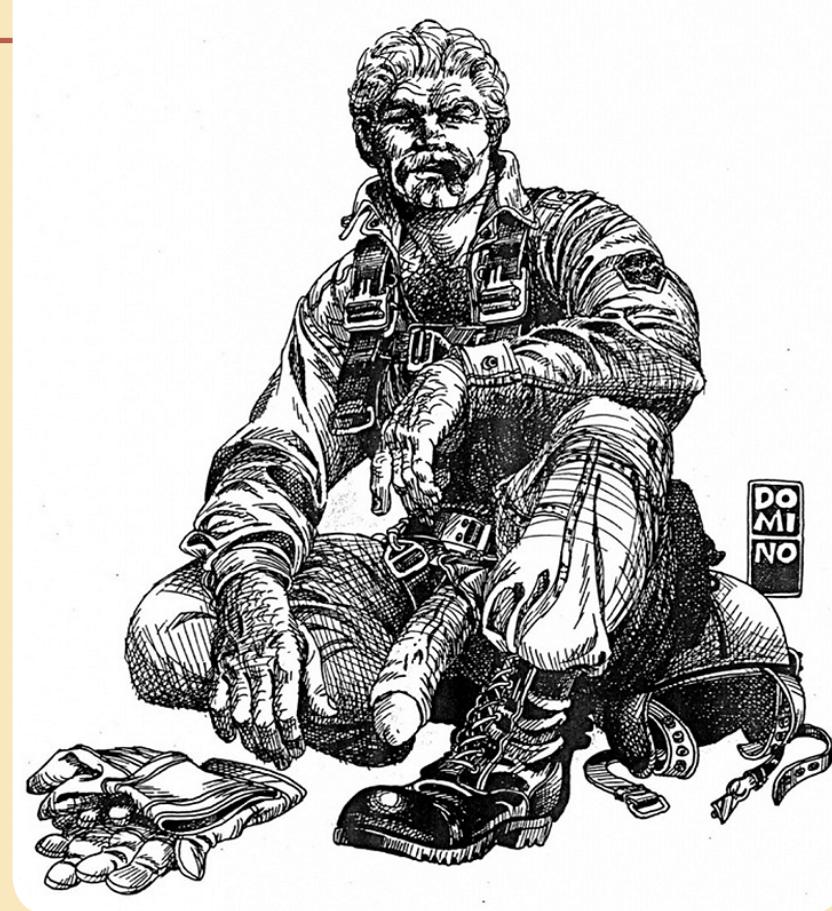
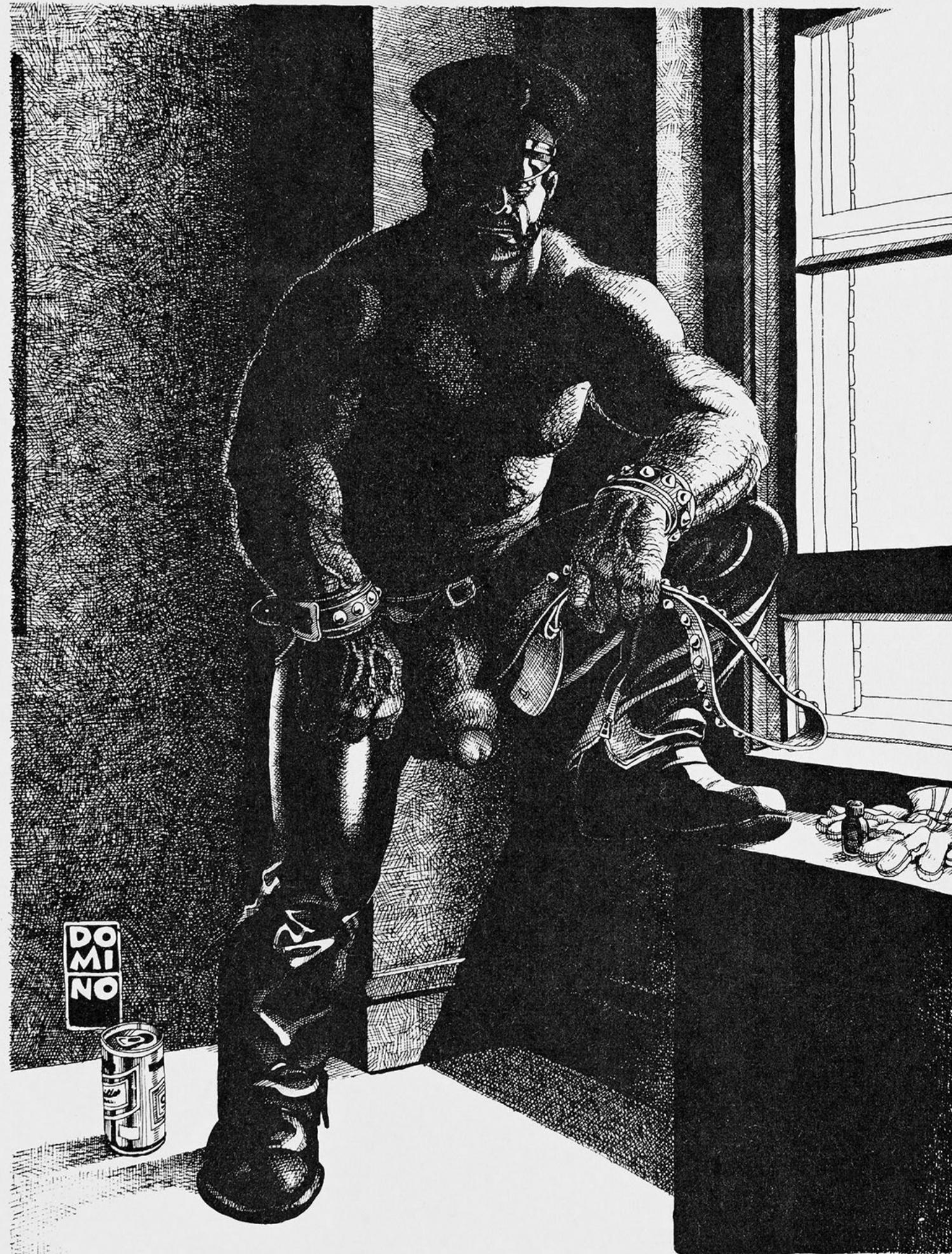
No fim de 1978, conseguiu sua primeira individual na Stomper's Gallery em Nova York, que teve o catálogo, *Domino: Original Drawings and Prints*, transformado em livro e artigo de colecionador. Foi quando declarou:

Desejo fazer da pornografia gay quente algo tão sólido e duradouro quanto a arte dos museus.

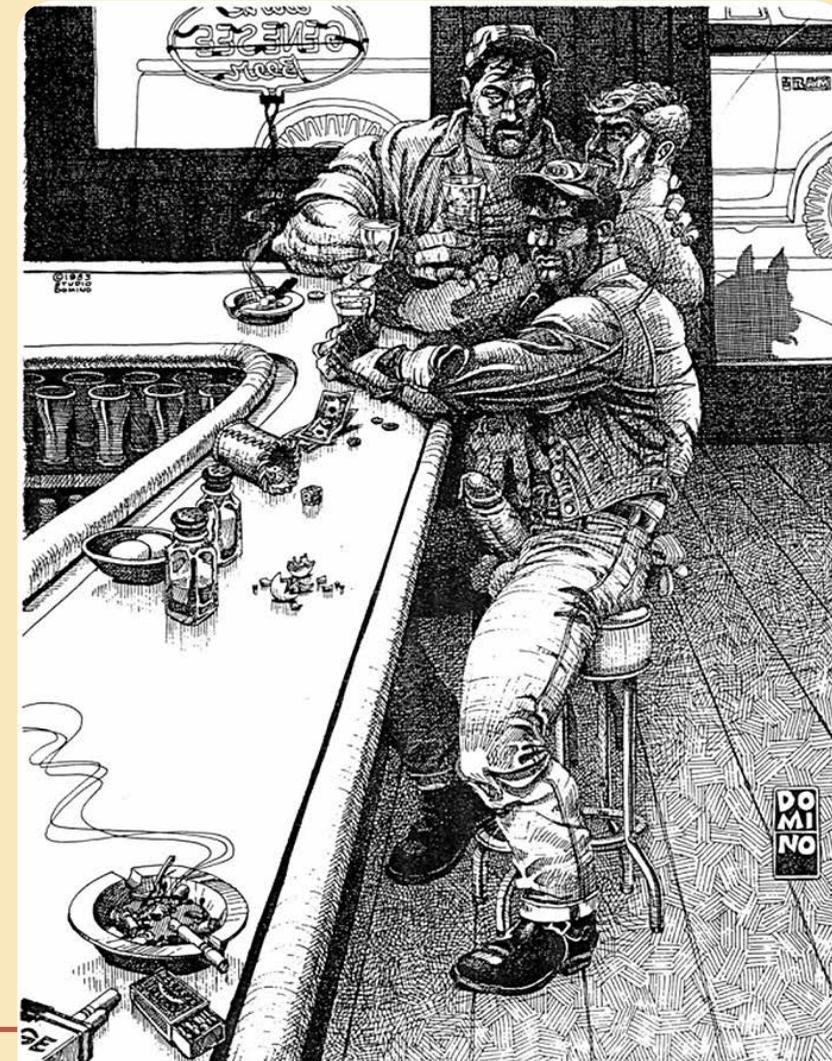


De todas as coisas na natureza que gosto de observar, os músculos, os paus e os peitos da anatomia masculina são os primeiros. Gosto de descobri-los em meus desenhos tendo minhas figuras em vários estados de despir. Quando eu era menino em Minnesota, ficava fascinado pelos corpos fortes que os mineiros de ferro e os fazendeiros de laticínios revelavam através de suas roupas. Meus fetiches adultos vêm das minhas emoções adolescentes de observar furtivamente esses homens trabalhadores em seus cintos e botas de couro, jeans, camisas de flanela, uniformes, galochas de borracha, camisetas. Meus desenhos são sobre o fetiche de roupas e também de sexo real. Lembro-me de espionar homens trocando de roupa no celeiro, nus até a cintura, trabalhando, fumando, limpando suas armas. Minha emoção é desenhar masculinidade agressiva, madura, gotejante, molhada e descolada.





Em março de 1979, a exposição mudou-se para o Fey-Way Studios. Em 1984, o The New York Times fez seu perfil e sua arte foi exibida na Zim-Lerner Gallery. Dois anos depois, foi destaque no *Naked Eyes*, uma mostra de artistas organizada por Olaf Odegaard (1938-1997) que destacou a arte visual de homens gays para o International Gay and Lesbian Archives.



Merrick morreu de complicações relacionadas à AIDS em outubro de 1990. O Leather Archives & Museum em Chicago guarda parte de sua arte para mantê-la conhecida. Em 2016, a Merrick foi destaque em uma retrospectiva da GLBT Historical Society e, em 2023, foi a vez da Tom of Finland Foundation fazer uma exposição de arte queer para celebrar o mês do orgulho com suas ilustrações de fazendeiros, mineradores e recrutas.

8=D

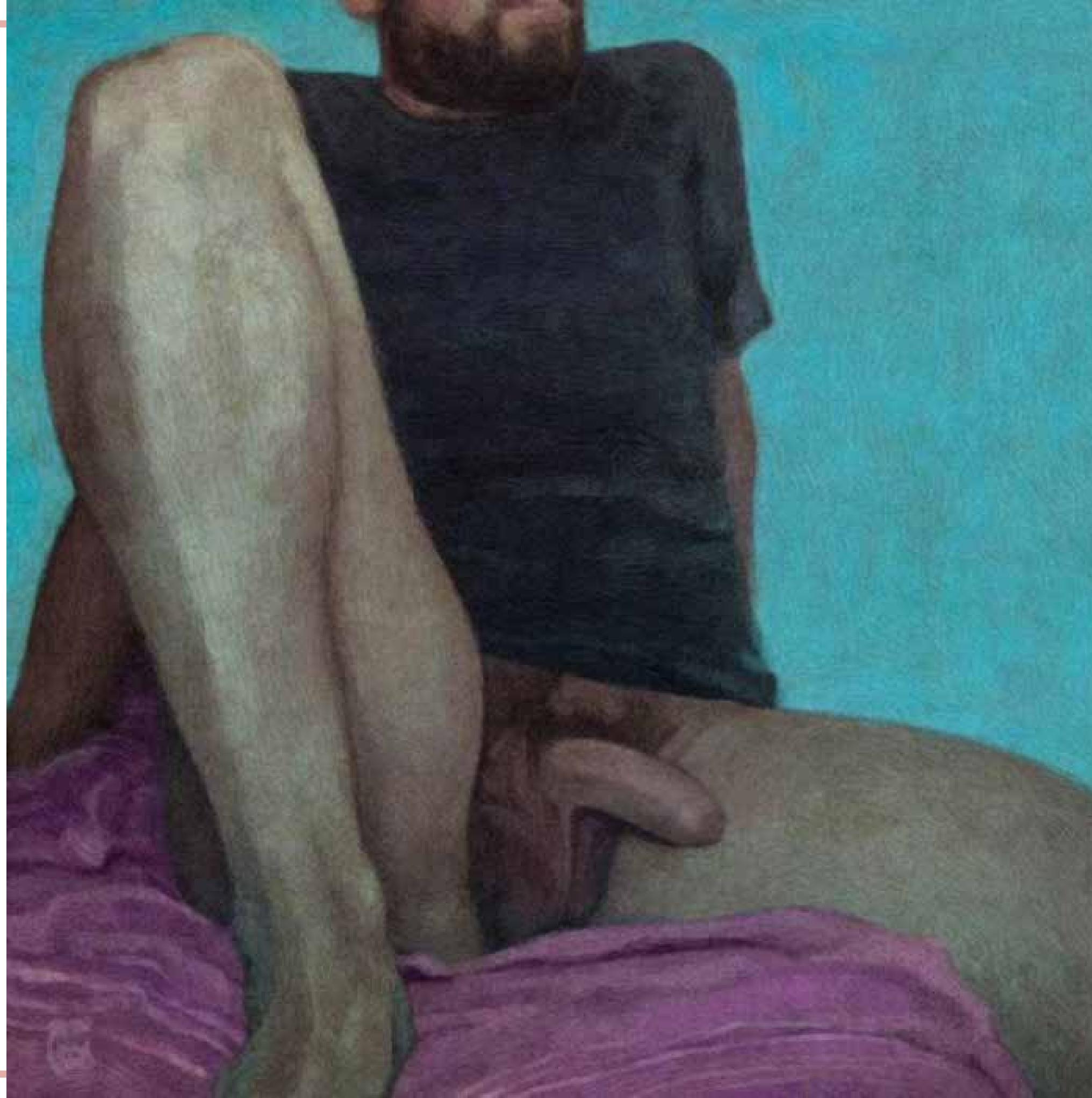
O artista, ilustrador e fotógrafo **Giuseppe Petrilli** é autodidata e taxativo:

Sou um artista de arte erótica. Considero o erotismo um grande motor da vida porque ele, como conceito, não ignora a inteligência, na verdade, pressupõe-na, por isso sempre tento criar uma conexão com aqueles que olharão minhas obras, brincando com elas de forma irreverente e provocativa.

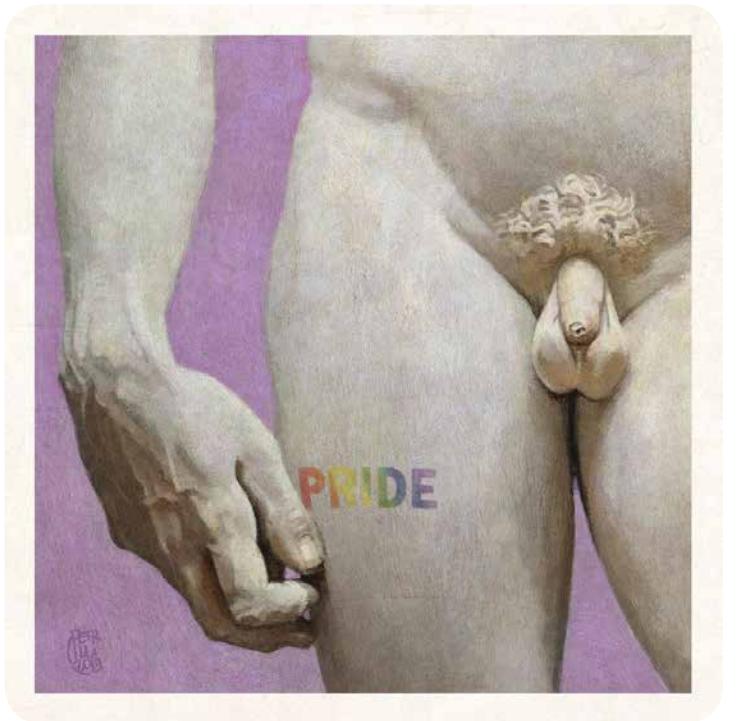
Através de várias técnicas, Petrilli explora todas as perspectivas do erotismo, inclusive o nu masculino – mesmo tendo o feminino como temática principal –, que está sendo publicado aqui pela primeira vez!

Apesar de acreditar que o tronco é a parte do corpo capaz de despertar certas sensações, sabe que o provocativo e explícito de sua obra é dar o que o espectador quer: o pênis. No entanto, também sabe que a nudez, independente do gênero, ainda é difícil de ser proposta, então, é necessário representá-la da forma mais natural possível ciente que “o erotismo agrada a todos e quem não admite isso está mentindo”.

8=D







SEJA MAIS.

**ben-
feitoria**

www.benfeitoria.com/falomagazine

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

agradecimento na Falo

VIP DA FALO

R\$20 / mês

agradecimento na Falo e revista bimestral com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

agradecimento na Falo, revista bimestral com antecedência e os anuais em inglês por e-mail

www

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Daniel Caye, Orlando Amorim, Marcos Rossetton, Maria da Graça, Paulo Mendes, Silvano Albertoni, Christopher Norbury, Daniel Tamayo, Eduardo Filiciano, Fabio Ibiapina, Giovanni Ravasi, Murilo Assis, Paulo Cibella e benfeitores anônimos.



Guilherme Corrêa convida Charles Cunha

FALÓFORO



Foto: Guilherme Corrêa. Modelo: Mateus Lucas.

CUECAS



rn

www



SUNGAS

Modelo: Flavio B.

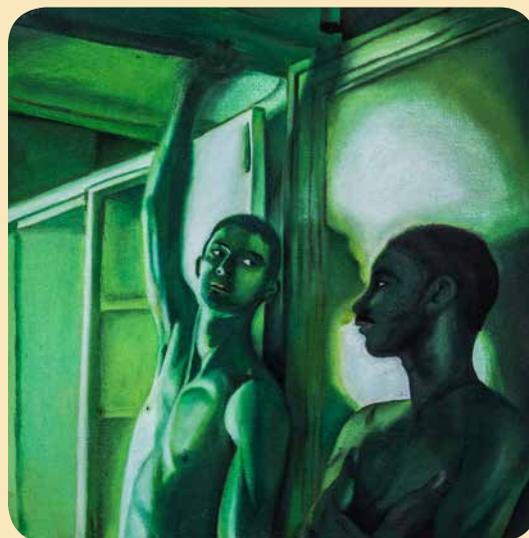
Poemas para ler com uma mão só

por Cassiano Figueiredo

Esses poemas homoeróticos são as sementes de um futuro livro que, ainda, não tem nome. No entanto, nomeio-os, provisoriamente, de Poemas para ler com uma mão só. Tenho o desejo de espalhar essas sementes como uma forma de experimentação. Na verdade, vejo como uma troca justa dos leitores comigo e vice-versa porque dou spoilers do próximo livro e eles podem sentir o sabor e a pegada do que há por vir. Acredito que, assim, posso sentir também as expectativas deles e, quem sabe, encontrar novos leitores. Esses escritos deixam bem claro onde eles querem chegar em todos os sentidos, então, tenho fé que eles encontrarão seus leitores.

Também proponho o diálogo com artistas do campo visual, não obstante na divulgação de suas obras, algumas das quais produzidas para esta publicação. Conto com a participação ilustre de Renan Néo, Matheus Figueiredo, Tornado, João Gomes, Iago Reiz, Adeildo Leite e Henrique Reis. Ademais, eles tiveram acesso às poesias e puderam selecionar a que sua arte mais se identificava.

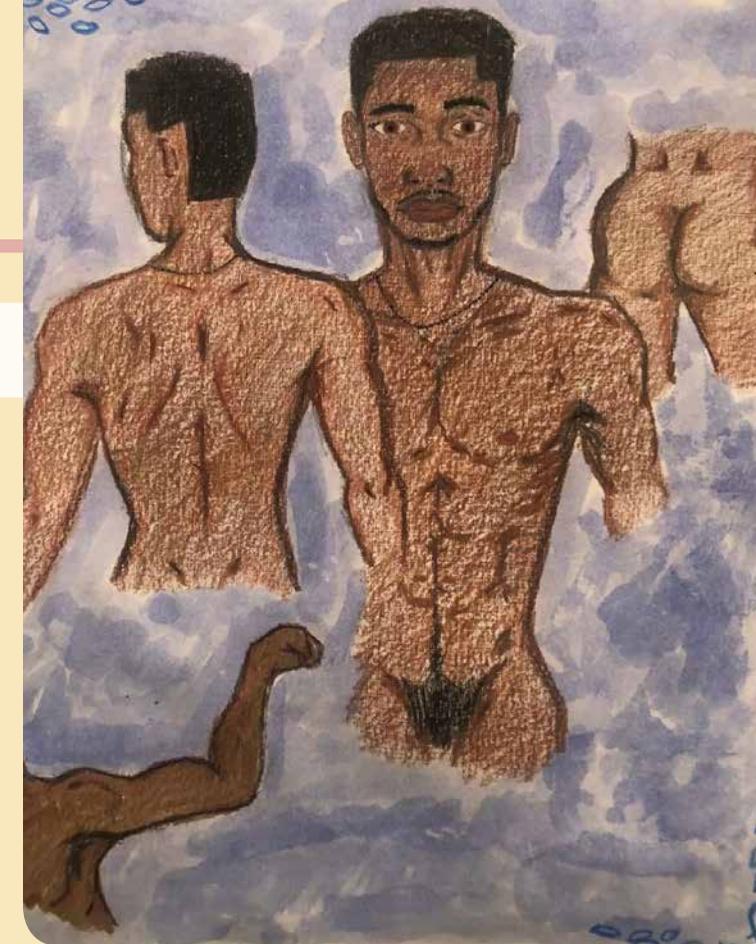
Venho trocando muita ideia com a comunidade gay para munir a escrita poética do livro. Tenho a verdadeira intenção de diversificar as experiências sexuais e almejo que a poesia abrace esse universo de forma sincera, intensa e explícita. Enfim, há um desejo de naturalizar o tesão, o sexo entre homens e a nudez. Isso se estende ao campo visual que enlaça as nuances da escrita e capta o imaginário do leitor.



Nosso amor desceu pelo ralo, de Adeildo Leite, 2023.

1
parece-me
que as estrelas se desfazem
quando toco
minha língua em seu céu
tudo é muito escuro

2
não crio problema
com os pelos
na real curto muito
umedecer toda essa região
com a minha língua
e sentir os relevos
da sua panturrilha
esse músculo
que parece ter vida própria.
na verdade
eu gostaria de passear
com a língua em todos
os seus pelos
dos braços
das coxas
das pernas.
quem sabe
eu chego aonde todos
os gays querem chegar
e para eles só isso que importa
mas faço questão
de deixar por último
e se você quiser muito também.
quando se quer
muito uma coisa
tenho a sensação que alarga mais
relaxa mais
pisca mais
é tudo mais fácil, sabe?



Visão, paixão e prazer, de Matheus Figueiredo, 2024.

quando você vem
caminhando na minha direção
eu vejo duas maçãs
no lugar das suas panturrilhas
e cresce em mim
uma vontade de
morder
devorar todas elas

você morde os lábios
e o seu bigode grosso se destaca
automaticamente
você franze a sobrancelha
fica com uma cara
de malvado
e isso me desconcerta
dá olho para os seus pelos
e assumo que eles
me atraem fortemente

se você deitasse
na calçada da minha rua
eu juro que
te mamaria
melaria
daria um banho do meu suor
porque você desperta
um calor absurdo
com todos esses pelos
de fato
eu rasgaria sua roupa
com as mãos
— assim seus pelos ficariam
mais aparentes
e te comeria na minha calçada
mas antes
eu queria te iniciar
no meu ritual
para depois chegar lá



Fim de conversa, de Iago Reizis, 2025.

3
assumo para mim
que foi muito gostoso
cada punheta contigo
seu pau era lindo
nossas conversas eram fluidas
te achava um gato
e não ligava pro seu jeito afeminado.
em cada gozada pela tela do celular
eu te sentia mais próximo
mesmo estando tão longe
sendo de outro estado
eu te sentia aqui.
assumo também que acho estranho
esbarrar contigo pela rede
e lembrar que batemos várias vezes juntos
e hoje nem temos mais papo
mas valeu pelas gozadas

4

o pump
o suor
a roupa colada
no corpo

após realizar
minhas séries diárias
me bate um tesão

se algum olhar
atravessar o meu
quando me direciono
ao banheiro
já espero
você embaixo do chuveiro

enquanto afundava
minha cabeça
eu engolia água
porque o chuveiro
não poderia ficar desligado
para evitar os ruídos
— glub glub glub
naquele momento
queria tanto
ser invadido



Pump, de Tornado, 2025.

5

um coral de gemidos
uma sintonia no direcionamento
das forças
da pegada

tão bom
ser aplaudido
pelos dois lados

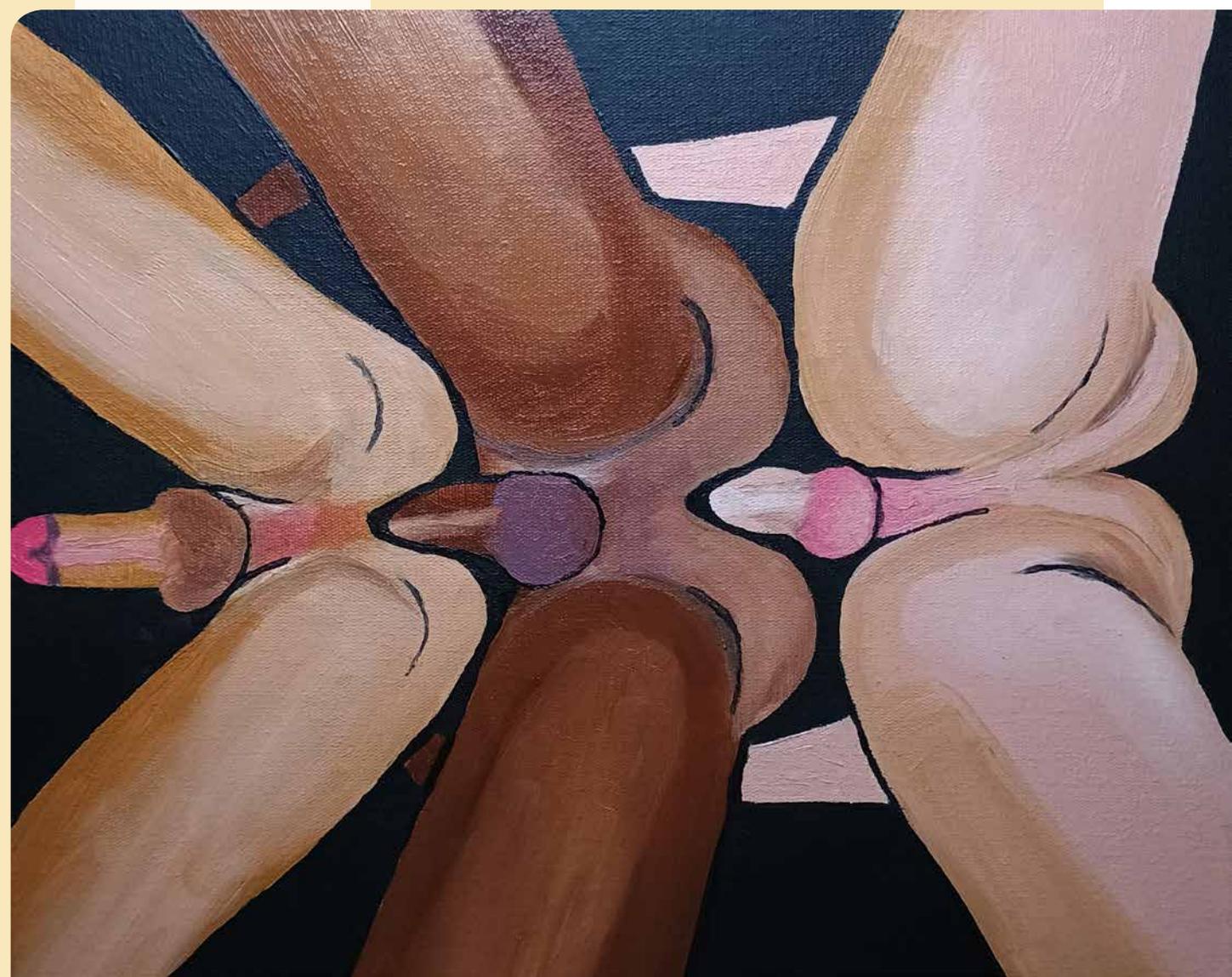
bofe
me sinto privilegiado
você segurando na minha coxa
pra pegar um impulso
e isso me impulsiona
para dentro dele

percebe que sou privilegiado?
estou no meio do fogo cruzado
numa guerra de três viados

o da frente se toca
seguro no ombro
agora é a minha vez.
quanto mais eu sinto
entrando em mim
tenho mais vontade
de ir fundo

aplausos
pelo trabalho incrível
que estamos fazendo.
isso! mais forte!

Threesome – A santíssima trindade, de João Gomes, 2025.



6

faria você
na praia do leme
o verão
me causa um tesão surreal
o fato de você ser um gostoso
e essa sunga fica perfeita em você
não tem tanto volume
— isso nem me interessa muito
mas a semelhança
do seu corpo
com o meu
como se eu fosse transar comigo mesmo
me desperta uma curiosidade
e um tesão momentâneo
suas entradas da barriga
suas clavículas aparentes
sua bundinha saliente
nessa sunga...
eu faria você na areia
e te empanaria
fritaria no sol
e comeria com o meu suor
pingando nas suas costas
em cima da canga
[aquela só tem no brasil, sabe?]
então, eu faria caladinho
com muita caipirinha e areia
eu não iria te machucar
o suor me ajudaria nisso.

é um inferno
eu ter que aceitar
que eu nunca
vou ter você montado
em cima de mim.



Alair, de Renan Nêo, 2025.

Janeiro N° 1, de Henrique Reis, 2021.



7

estendo meus versos
no lençol da sua cama
ouvindo escuro brilhante
o quarto um breu
você
quem ilumina

Cassiano Figueiredo nasceu em 2000 e é natural de São Gonçalo, município do Rio de Janeiro. Licenciado em Letras Português-Inglês, colunista da Revista Ruído Manifesto, faz parte da equipe de poetas do portal Fazia Poesia, professor, preto, gay, omorixá (filho de Orixá), cartomante e canceriano. Já foi publicado em revistas e coletâneas. *Versos tecidos com fios d'água* (2024), pela Emó Editora, é seu livro de estreia na poesia.

Renan Nêo é um artista têxtil, que busca criar pinturas utilizando linhas e mini agulha de *punch needle*.

Matheus Figueiredo – mas pode ser chamada de Ama – nasceu em 1999, é carioca da gema e reside na Pavuna, bairro localizado na zona norte do Rio de Janeiro. Com seus 25 anos de autodescobertas, mostra sua não-binariedade de homem ou mulher em sua visão de mundo na arte.

Tornado nasceu em Cotia-SP (2003), é um designer e artista plástico homoerótico que utiliza de moda, desenhos e pinturas na retratação da experiência queer, sexualidade e identidade.

João G. Junior nasceu em Queimados, na Baixada Fluminense (RJ) em 1993. É escritor, poeta, artista visual, professor, pesquisador e ativista LGBTI+ e em HIV/AIDS. Doutorando em História Social da Cultura pelo PPGHIS/PUC-Rio, mestre em Sociologia pelo PPGSA/UFRJ e mestre em História Social pelo PPGH/UFF, especialista em Estudos Linguísticos e Literários pelo IFRJ e licenciado em História pela UFRRJ. Teve poemas, contos e artigos acadêmicos publicados em antologias, livros, revistas, sites e blogs no Brasil, Portugal e Grécia. É autor da plaquete *Fui a Lisboa esquecer um amor* (Macondo, 2016) e dos livros *O que ri por último* (Patuá, 2020), *O tédio dos dias variados* (Urutau, 2020) e *Agora e na hora de nossa morte* (Urutau, 2022).

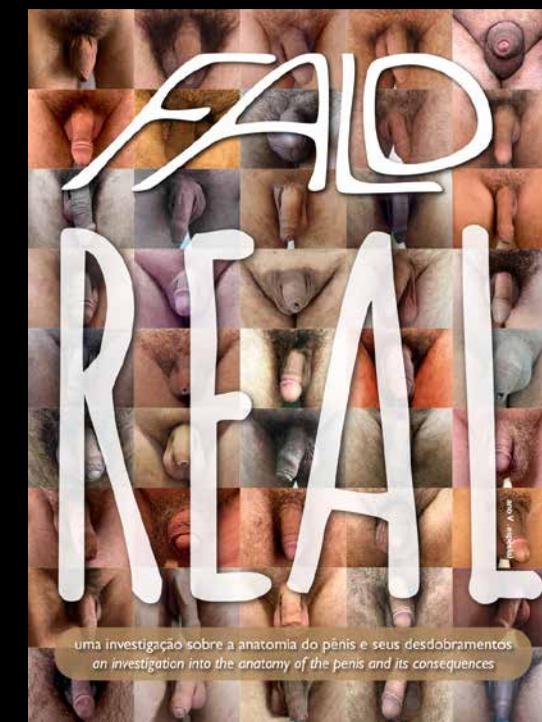
Iago Reiz é artista visual e ilustrador baiano. Atualmente, mora em São Paulo, seu trabalho como ilustrador tem foco no nu, em suas mais diversas formas, buscando explorar através de traços simples e detalhados a beleza de cada um desses corpos, muitas vezes, em risco, seja por raça ou classe social – assim, surge a página *Corpo em Risco*, onde, atualmente, posta seus trabalhos –, utilizando a cor vermelha que denota perigo ou alerta, mas também desejo, vitalidade e sensualidade.

Adeildo Leite nasceu em São José do Egito-PE, (1974), atualmente mora entre São José do Egito e Recife-PE. Trabalha com apropriação e resignificação de imagens ligada ao desenho e a pintura e sua poética tem se estruturado nas narrativas sobre identidade e gênero, explorando a sexualidade LGBTQIA+ sobre uma perspectiva de empoderamento.

Henrique Reis, atualmente, é graduando em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, tem formação anterior em Bacharelado Interdisciplinar em Artes (2020) pelo Instituto de Humanidades, Artes & Ciências Professor Milton Santos na mesma instituição, e participa do programa de acompanhamento curatorial promovido pela Propágulo. Em 2024, esteve presente no 3º Festival Vórtice e no 1º Circuito de Arte em Boteco, realizados em São Paulo e Salvador, respectivamente. Participou no mesmo ano do 51º Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto em Santo André, da exposição “quase árido” em Salvador e foi premiado no 67º Salões de Artes Visuais da Bahia realizado em Irece-BA. Em 2022, participou da exposição *UTOPIAS e DISTOPIAS* no Museu de Arte Moderna da Bahia, assim como do *Salões de Artes Visuais da Bahia* no Museu de Arte da Bahia, ambos em Salvador. Recebeu o Prêmio Cultura na Palma da Mão, concedido pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia em 2021. Participou das residências artísticas, *F(r)icções*, realizada entre 2020 e 2021 no Intervalo Fórum de Arte. RASGO, na Galeria Canizares em 2019.



NÃO SE PRENDA A ESTEREÓTIPOS



Pesquisa sobre
a anatomia
peniana feita com
a participação
de mais de 100
leitores/seguidores,
**totalmente
ilustrado.**

PDF | 140 páginas | \$

Entre em contato através do
e-mail falonart@gmail.com

O masculino em vertigem: entrevista com Francisco Hurtz

Francisco Hurtz (1985) é um artista queer paulistano em intensa atividade na última década, com uma produção diversificada composta de pinturas, esculturas, fotografias, ilustrações, gravuras, colagens e desenhos, entre os quais destacamos aqueles trabalhos que tematizam o corpo masculino. Os personagens de suas aquarelas, pinturas a óleo ou desenhos em nanquim, em sua maioria corpos brancos ordinários e sem rosto, nus e seminus, além de expressarem fragilidade e delicadeza, aparecem algumas vezes em situações degradantes, de objetificação, vulnerabilidade, servidão, humilhação ou vergonha, nudez ou fetiche, outras em relações homoafetivas, como forma de crítica à sua inserção no corpo social, ao pacto da branquitude, aos estereótipos associados ao masculino, ao moralismo cristão em questões de erotismo, entre outros temas.

Desde 2005, os trabalhos de Hurtz circulam entre a Europa e as Américas em mostras coletivas, e, a partir de 2012, começaram a ser apresentados ao público nacional também em exposições individuais do artista, vindo a integrar ao longo dos anos algumas coleções particulares e outras públicas, como o acervo permanente do Museu de Arte do Rio (MAR) e a coleção de arte de Gilberto Chateaubriand, no Brasil, e o acervo de arte da Fisher Library, Biblioteca de Livros Raros da Universidade de Toronto, e o Gay and Lesbian Archives, no Canadá. Atualmente, o artista é representado pela Galeria Verve, de São Paulo.

De uma perspectiva queer identificada com a esquerda radical, o artista destaca o caráter artificial da identidade do macho branco, cisgênero, heterossexual, ocidental, cristão, capitalista, ressaltando

Gay porn Malevich, tinta sobre papel, 2020.



sua construção histórica como norma social e sua indissociabilidade em relação às formas predominantes do capitalismo e do Estado na sociedade contemporânea. Ao explicitar a ficcionalidade das identidades, mesmo das que se supõem naturais, as obras de Hurtz denunciam o uso sistemático da opressão e discriminação das minorias identitárias como forma de manutenção de uma hierarquia social autoritária e excludente, sustentada com a marginalização de subjetividades e corpos dissidentes.

A seguinte entrevista foi realizada por e-mail em julho de 2024, como parte da pesquisa “Imagens do espelho sob o céu: figurações de corpos masculinos na poética visual de Francisco Hurtz (2012-2023)”, desenvolvida pelo autor em estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (2023-2024), sob supervisão da Profa. Dra. Mônica Brincalepe Campo.

Desfrutem de uma boa leitura!

Piassi: Sendo um artista autodidata, como ocorreu sua aproximação com o universo da arte? Em seu período de formação, que referências culturais, artísticas e políticas foram mais determinantes para a elaboração de seu estilo?

Hurtz: Hoje eu percebo que eu fui uma criança com altas habilidades pra arte e linguagem, e eu nunca parei de desenhar e pintar desde então. Dos 13 aos 17 anos eu tive um hiper foco em arte e minhas professoras da escola me emprestaram muitos livros sobre técnicas de pintura, desenho e história da arte. Eu engoli tudo que foi possível. Eu não tive internet em casa até os 16 anos, em 2001/2002. Todo meu tempo livre depois da escola era para me dedicar às minhas obsessões. Aos 18 anos, realidade de um jovem da periferia caiu na minha cabeça e ser artista era realmente um desejo que parecia bastante distante pro ambiente social de onde eu vim.

Eu sempre gostei muito de música. Eu aprendi inglês sozinho decorando letras dos The Smiths, e 18 anos eu caí na noite underground de São Paulo.

Na noite eu fiz amigos da Juventude Socialista, na noite eu encontrei os anarco-punks dos anos 80, já com seus 40 e poucos anos, e todo aquele movimento libertário ao qual eu fui apresentado fazia muito sentido pra um jovem gay filho da classe trabalhadora descobrindo o mundo.

Piassi: Como você avalia sua trajetória profissional como um artista independente no Brasil? Que possibilidades e desafios sua carreira lhe apresenta?

Hurtz: Os primeiros 10 anos de carreira foram muito desafiadores, mas talvez eu não possa mais me considerar um artista independente, visto que eu já sou bastante inserido do mercado de arte. Meu trabalho sempre teve procura e o sistema olhou pra mim quando uma série de desenhos pornográficos ganharam uma matéria na antiga BUTT Magazine, em 2011.¹ Em 2012 eu participava da minha primeira grande exposição institucional na mostra Espelho Refletido – O Surrealismo e a Arte



Contemporânea Brasileira, no Centro Cultural Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro, curada pelo Marcus Lontra Costa. O mesmo curador de Como Vai Você, Geração 80. Os trabalhos na mostra foram vendidos diretamente pro Gilberto Chateaubriand, que visitou a exposição e levou os 6 principais desenhos expostos.

Piassi: As imagens do masculino ganham corpo em sua produção artística por meio de diferentes suportes e linguagens. Há diferenças expressivas entre a escultura, o desenho, a pintura e a fotografia para a figuração do masculino? Eles têm estatutos distintos na sua obra?

Hurtz: Para cada material, uma técnica. E pra cada matéria existe uma leitura e uma poesia. Uma pintura opaca de guache nunca vai refletir o espectador como uma escultura de bronze polido, e um desenho no papel não vai emanar luz como um desenho em néon. Uma pintura a óleo dificilmente será tatuada. Tudo é muito deliberado, mas não há estatuto, cada obra é concebida a partir daquilo que é constitutivo na matéria.

Piassi: Em uma entrevista concedida para o site RG Uol, em 2016, você afirmou que em seus desenhos você se apropria das imagens dos corpos masculinos e suprime sua identidade, cor e idade, transformando-os em linhas que lhe possibilitam investigar os territórios da masculinidade.² Como você reflete sobre essa estética minimalista atualmente? Como se estabelecem as fronteiras entre o masculino, o feminino e outras expressões de gênero?

Hurtz: Talvez eu não seja tão minimalista fora do traço seco do desenho, que nasceu do desejo de reduzir as imagens masculina às linhas de um projeto. A simplicidade do desenho foi a ponte que levou meu desenho para os corpos. É difícil falar sobre as fronteiras

Fim de Tarde [óleo sobre tela, 2019], Homem-partido (O Capital) [escultura de bronze sobre pilha de livros de Karl Marx, 2022] e Metáfora para o Fracasso [nanquim sobre papel, 2014].

2. EVAGELISTA, Matheus. RG Entrevista: Francisco Hurtz. RG, 4 jan. 2026. Acesso em 15 jul. 2024.



entre masculino e feminino, isso tudo depende do contrato social de cada tempo e local. Mas acredito que as fronteiras vão se borrar cada vez mais.

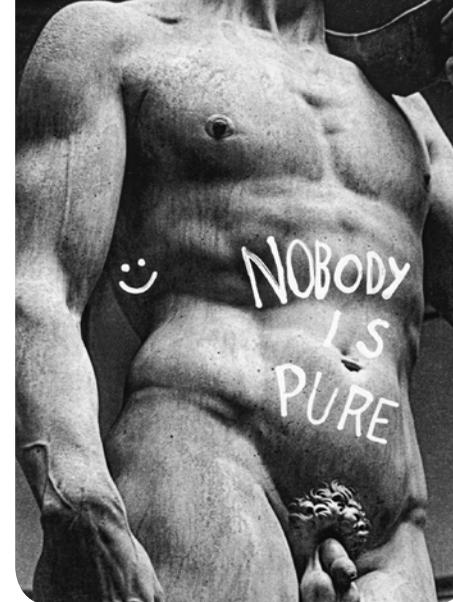
Piassi: Na série “Contracânone” (2023-2024) você reúne um conjunto de trabalhos produzidos como releituras de obras clássicas. Como sua obra dialoga com as formas hegemônicas de produção de imagens e narrativas sobre gênero e sexualidade?

Hurtz: Não considero os trabalhos como releituras, considero que sejam as imagens canônicas da arte clássica a serviço do desvio, por intervenção minha. Como o símbolo do Anarco-comunismo rasgado na barriga do David do Michelângelo. Se eu considerar que a forma hegemônica de produção de imagens hoje seja o Instagram e TikTok, o algoritmo nem permite uma real discussão sobre gênero e sexualidade, muito menos um debate sobre gênero e sexualidade como crítica ao capitalismo e à família burguesa.

Piassi: Seus desenhos de personagens masculinos protagonizando situações de sujeição, tortura e humilhação, como sujeitos passivos da dominação, subvertem o imaginário que constitui o jogo do sadomasoquismo patriarcal, no qual o homem assume invariavelmente a condição de dominador. De que outras formas seu trabalho desconstrói as representações tradicionais da masculinidade?

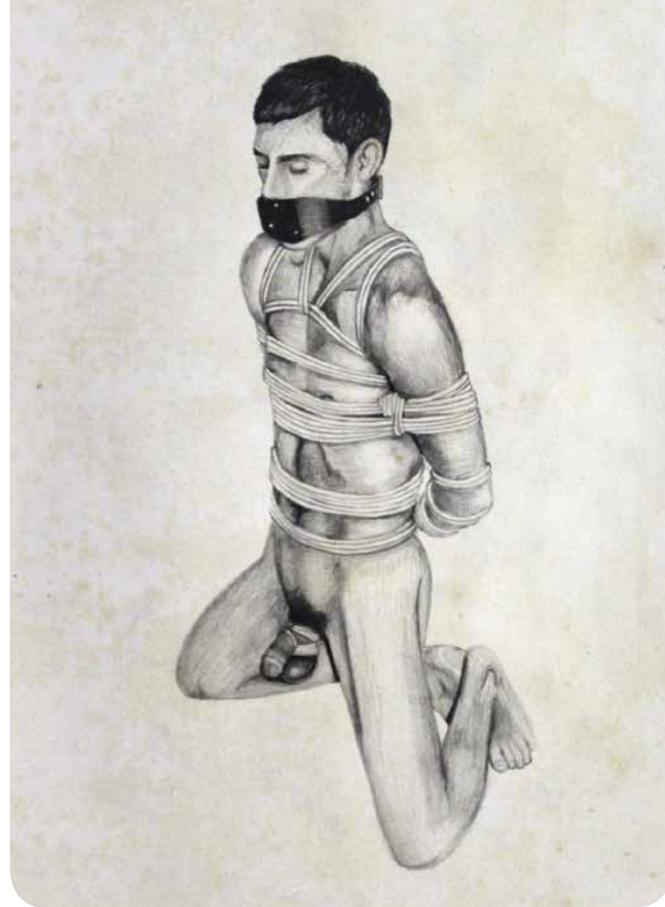
Hurtz: Acredito que meu maior desafio de desconstrução seja sair do papel do artista gay fazedor de homoerotismo e fazer o sistema de arte engolir a minha arte por um viés político. Pornografia gay dificilmente será decoração na casa de banqueiro, tatuagens na pele não podem ser vendidas. O pós-pornô enfrenta muitas das normas, e as normas sempre beneficiam quem está no poder. E o poder quase sempre está a serviço de quem é homem, branco, rico e heterossexual. O poder também tem uma identidade a seu serviço.

Eu quero pornografia nos museus, escandalizando os conservadores, porque heterossexuais têm uma imensidão de referências na arte, na literatura, dramaturgia, e



Acima: Nobody is pure, série Contracânone, marcador sobre folha de livro, 2023. Abaixo: Anarchy David, marcador sobre folha de livro, 2022.





Tortura I (2016) e Tortura V (2018), ambos em grafite sobre folha de livro.

a gente durante muito tempo só teve acesso à pornografia como expressão mais elaborada.

Piassi: Sua obra se debate contra os roteiros sociais impostos às identidades pré-fabricadas oferecidas pelo neoliberalismo, como podemos observar, por exemplo, em seus desenhos em folhas de caderno pautadas. Que outras possibilidades de ser homem você vislumbra para além das prescrições normativas do cisheteropatriarcado, ou, como diria Norval Baitello Jr., dos modelos de corpos *prêt-à-porter* com os quais nosso tempo tenta nos vestir?

Hurtz: Cada humano é uma possibilidade. Tentar classificar, nomear, roteirizar cada uma dessas possíveis identidades no nível das especificidades do sujeito é uma lógica liberal: individualista, fragmentadora e divisionista. Meu real interesse é apontar para os mecanismos de exclusão que nos

jogam para margem. O que nos unem como pessoas Queer é pisar no território da margem. O gênero e a sexualidade nos unem menos que a exclusão. Nós somos muitas coisas, o que nos une é aquilo que não somos.

Piassi: Qual é a particularidade da crítica à masculinidade hegemônica elaborada por um artista queer? Que aspectos da experiência de ser homem em uma sociedade machista e homofóbica a vivência homossexual permite enxergar criticamente?

Hurtz: Eu não posso falar por todos os artistas Queer que venham discutir as instâncias da masculinidade hegemônica. A minha intenção é trazer o debate sobre o homem gay de novo à discussão pública; dessa vez não como identidades subalternas vítimas da epidemia de AIDS e HIV, mas como dissidentes de um projeto de poder capitalista



Como tornar-se homem, tinta sobre papel, 2015.

imposto a todos os homens, mas do qual fomos deserdados. O homem gay tem vivência na predação machista, a gente tem material suficiente pra elaborar uma nova masculinidade libertadora para pessoas LGBTQ+, mulheres, pobres, pretos e periféricos.

Piassi: Seu trabalho foi mencionado por João Silvério Trevisan na 4ª edição revista e ampliada do clássico “Devassos no Paraíso” (Ed. Objetiva, 2018), com destaque entre a produção nacional contemporânea de artistas queer. O autor também escreveu o texto de apresentação de sua exposição individual “A República”, de 2022,³ e seus desenhos ilustram a nova edição do romance “Em Nome do Desejo” (Ed. Record, 2024). Como é colaborar com um dos maiores expoentes da história da arte e da militância LGBTQ no Brasil?

Hurtz: *É uma relação de admiração e amizade que surgiu com o convite para participar da edição ampliada de Devassos no Paraíso. Eu não tenho nem vocabulário suficiente pra expressar o quão feliz são esses encontros. O João é um escritor brilhante, um amigo atento, um jornalista foda, um artista completo e uma pessoa muito querida. Eu só olho, presto atenção e agradeço.*

Piassi: As tatuagens de seus desenhos constituem um modo particular como apreciadores da sua obra se apropriam de seus traços, incorporando-os na própria pele. O que você pensa desse fenômeno, que se alastrou pelos cinco continentes, em mais de trinta países?

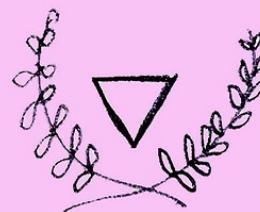
Hurtz: *É uma cicatriz. É uma forma radical de experimentação de arte. E é também uma aliança entre homens que dão carne, pele e história para meus desenhos. É meu melhor trabalho, ao mesmo tempo que é o mais popular e disseminado.*

Piassi: Você é um artista que intervém no debate público sobre questões de gênero, sexualidade e raça na última década, no Brasil, e se engaja na elaboração escrita sobre sua produção visual; vide seu “Pequeno Manual de Sobrevivência Anarcoqueer”



Tatuagem de “Run”, fotografia digital, 2012.

Pequeno manual de sobrevivência ANARCO-QUEER

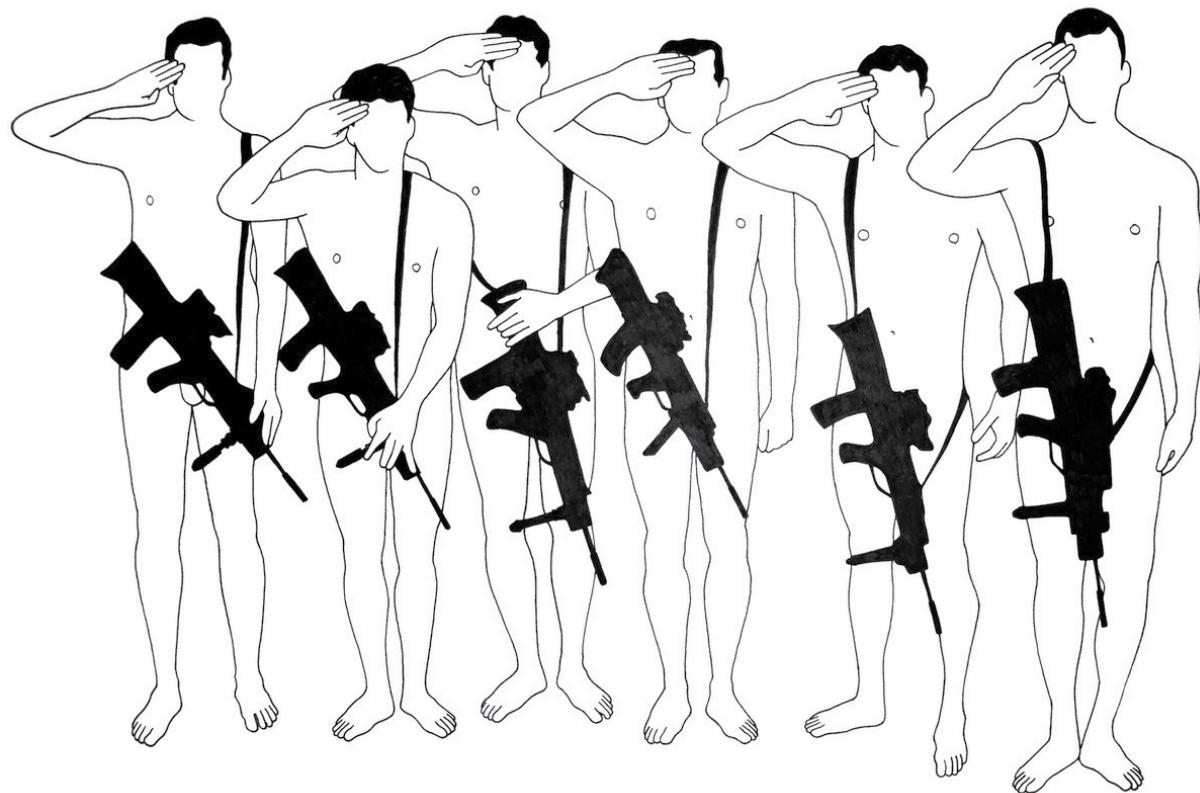


O assimilacionismo e a heterossexualidade compulsória produzem gays que compactuam com os valores heterossexuais. O que a gente pode fazer? SER BICHA. Cada dia mais BICHA. Praticar a viadagem como forma de resistência. Ocupar todos os lugares com nossos Corpos Viados. Fazer isso tanto, fazer isso tantas vezes, até a hegemonia heterossexual entender que o mundo não dança sempre no seu ritmo.

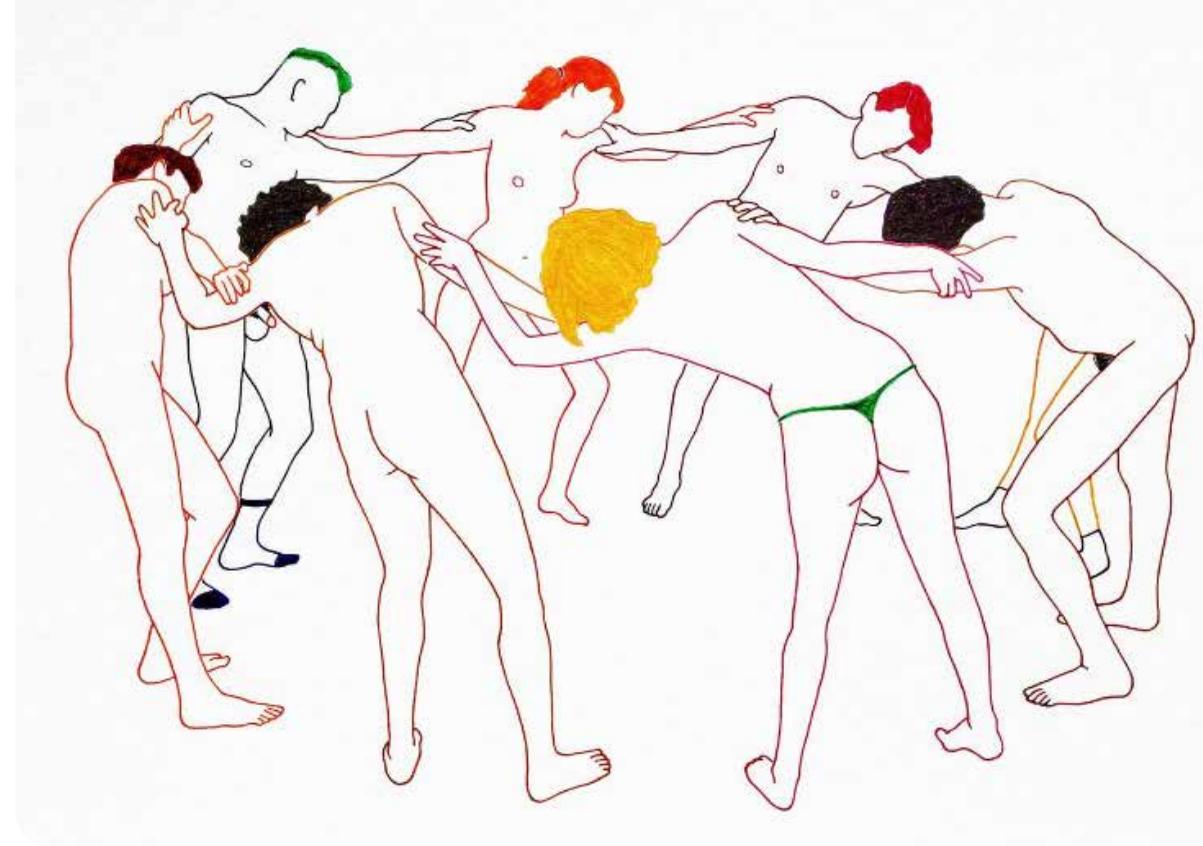
- Não discuta religião. Abandone a religião.
- Não reproduza repressão e moralismo.
- Não tolere qualquer forma de fascismo.
- Sua identidade não está sujeita à aprovação do olhar heterossexual, seja bicha sempre que puder.
- Respeite as diferenças e EXIJA respeito em todos os momentos. Ser babaca é também um direito do outro. O embate é inevitável.
- Você, seu corpo, seu sexo, sua expressão, sua identidade, sua vida, não são inferiores em NADA.
- Tome pra si o protagonismo das suas questões.
- Se empodere, empodere seus semelhantes.
- Seja aliado de outras minorias, não tome o lugar delas.

Em caso de privilégio de homem, branco, cis; com estudo, dinheiro ou visibilidade: usar privilégios a favor de todos.

É melhor ser uma bicha viva que ser uma bicha morta. Em casos de abuso e violência, a prioridade é você. Faça coisas pra mudar a sua realidade.



Oficiais II, nanquim sobre papel, 2012.



Movimento à esquerda, tinta sobre papel, 2021.

(2017) e seu manifesto para a arte nacional frente ao discurso do secretário de cultura nazista do governo Bolsonaro, no início de 2020: “A arte brasileira da próxima década será erótica ou sexual, será dotada de grande desejo de coito anal, e será igualmente superlativa, posto que profunda será a garganta vinculada às fantasias urgentes do nosso povo – será no cu ou então não será nada.”

Como é a relação entre sua produção imagética e textual? Como você avalia a circulação das palavras e das imagens na cena pública?

Hurtz: O Manual Anarcoqueer surgiu como resposta para um jargão curatorial que eu ouvi muito durante os meus primeiros anos de artista: ARTE NÃO-PANFLETÁRIA. Eu achava patético uma exposição inteira ser pensada para soar suavemente política. Então eu resolvi fazer panfletos e distribuir nas minhas exposições. Um ano depois a extrema-direita subiu ao poder e uma certa elite imbecilizada foi obrigada a falar de política.

Meu trabalho de arte vem de um lugar muito fora do foco, então eu escrevo pra fazer entender. Eu escrevo pra facilitar as coisas.

Eu também acho que o pensamento do artista é muito refém do texto alheio. O curador virou um lugar chato de pequeno poder. Eu sinto falta de exposições curadas por artistas. Eu sinto falta de artistas que escrevem. Eu sinto falta de artistas protagonistas.

Piassi: Como os corpos masculinos se tornam uma forma expressiva potente para problematizar o Brasil contemporâneo na sua produção artística?

Hurtz: Meninos vestem azul, meninas vestem rosa. A masculinidade hegemônica é uma das principais bandeiras da extrema-direita. A quantidade de homens brancos heterossexuais na política exemplifica que política no Brasil tem classe, gênero e raça. Deslocar esse corpo dominante para outro lugar é também um exercício de repensar o poder. Como [pode] um país majoritariamente mestiço e feminino ser representado pelas mesmas pessoas desde sempre? Há um projeto de poder muito bem executado, que precisa ser desvelado, apontado, decifrado e, ao final, desmontado.

Piassi: Para Michel Foucault, o corpo humano é o ator principal de todas as utopias. É possível vislumbrar alguma utopia a partir dos corpos no nosso horizonte político?

Hurtz: Como um bom socialista libertário, minha utopia favorita é uma forma radical de democracia que entregue dignidade e oportunidades a todos os corpos.

Vinicius Alexandre Rocha Piassi é doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pós-doutorado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). viniciuspiassi@yahoo.com.br

Contos do Falo

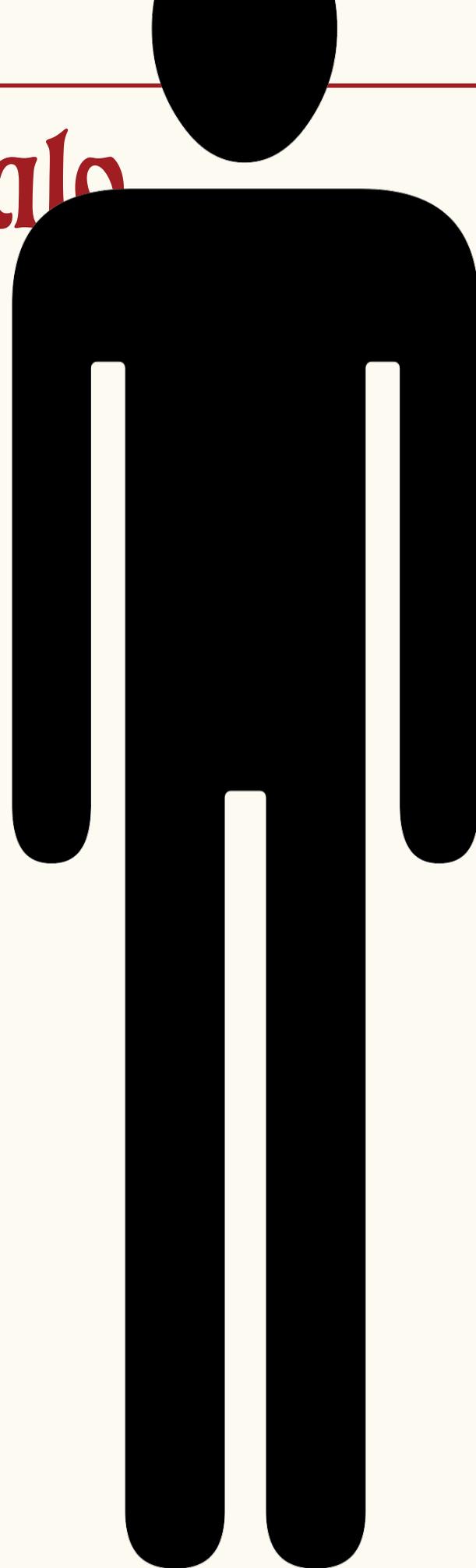
UM HOMEM ALTO

Ele era muito alto. Era, não; deve ser ainda, se não morreu ou encolheu. As pessoas encolhem quando envelhecem. Quanto a mim, morrer não morri, mas tenho encolhido um pouco a cada segundo, o oráculo do app de IA me responde que a média de encolhimento para homens brancos depois dos sessenta anos é de quase meio centímetro por ano. Mas quando eu marquei de encontrar com ele, e isso já faz uns bons dez, quinze, dezoito anos talvez – o tempo passa – eu já era baixinho, na verdade sempre fui baixinho. Eu suspeitava que ele era, ou ainda é, alto; quando a gente teclou antes de se encontrar eu contei “sou baixinho, tem problema?” e perguntei a altura dele, respondeu que não sabia direito, era mais ou menos um e oitenta e sete algo assim, não se media há muito tempo, desde a época do serviço militar. Eu, bobo, acreditei em tudo o que ouvia e fui encontrar com ele em um shopping.

Quando eu vi aquele homem alto, altíssimo, chegando ao longe, acenando envergonhado e sorrindo para mim, de longe no corredor da praça de alimentação daquele shopping furreca – eu pensei, um e oitenta e sete meu cazzo. Foi a primeira pergunta que fiz, antes de indagar coisas mais pessoais, “você mentiu para mim? Qual sua altura, de verdade?”

Ficou envergonhado, um garotão, um tanto tímido naquela altura toda, sorriso de gente boa; mas isso eu sei, são os piores. Os piores psicopatas têm sempre um sorriso de gente boa. E mentem na cara dura. Não respondeu. E eu que sou muito idiota perguntei de novo, insisti, ele acabou confessando. Dois metros e nove. Não são dois metros e quatro nem um metro e noventa e nove, são dois metros e nove centímetros, ou um pouco mais, quem sabe?

Eu ri sem graça e fui pegar um chope para mim e um para ele. “Um só”, ele disse, “quase não bebo”. Trouxe o chope, bebemos, conversamos sobre o trabalho dele, o meu trabalho, o que eu estava fazendo naquela cidade tão árida, os dois evitando temas difíceis. Se ele mente a altura quem sabe o que mais deve mentir? Em quem será



que ele votou? Enquanto eu falava como se estivesse com meu piloto automático ligado, ia pensando pensando e já tinha concluído para mim mesmo que não ia rolar mais nada; ele bebeu o chope dele bem devagar, eu fui pegar outro para mim e tomei de um gole.

Levantei e disse, “bem, acho que ficamos por aqui”. Ele fez de novo uma cara de desamparado, de bom moço, levantou e me abraçou, aqueles braços enormes e eu tão pequenininho, me abraçou como quem está se despedindo, só que disse, aquela voz rouca vindo de cima como o anjo do Senhor, “a conversa está boa, vamos continuar conversando, pode ser na sua casa?”

Eu disse não, continuei no não e querendo me desvencilhar do abraço dele, mas aos poucos fui cedendo. Ainda objetei, “mas as nossas alturas, as diferenças de altura, você é quase um gigante e eu sou quase um pigmeu?”

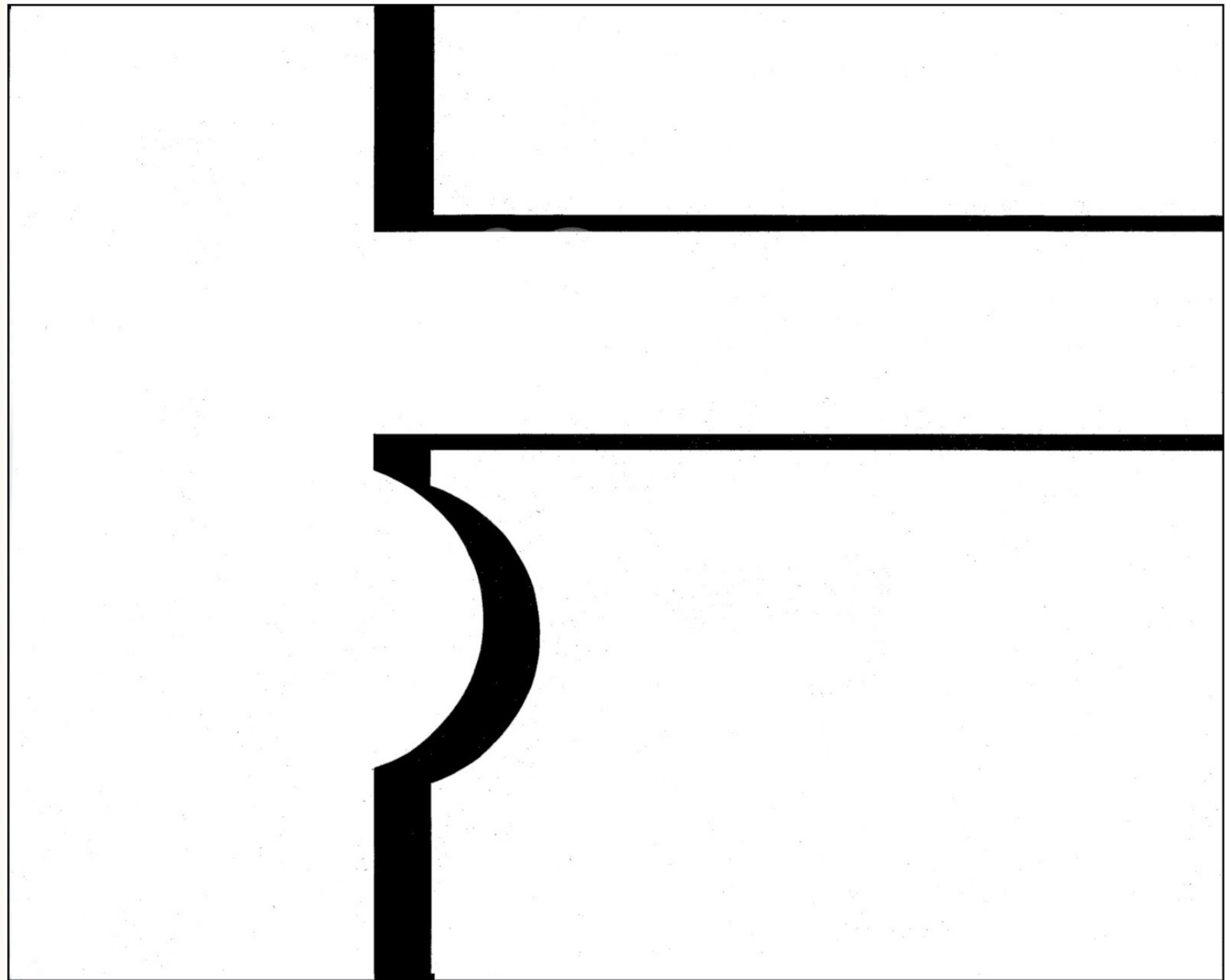
Ele me abraçou mais forte ainda como se eu fosse um bebê, um filhote, um pequeno gatinho tímido e disse em meu ouvido, sem nem vergonha de sermos notados na praça de alimentação onde eu vinha tantas vezes, solitário, engolir rápido algum fast-food sem nem sentir o gosto, só para não morrer de fome – um gigante e um pigmeu aos abraços – ele sussurrou em meu ouvido enquanto me abraçava, sei que é um lugar-comum mas enfim, a vida é toda feita de lugares-comuns e tudo vale a pena se não é para jantar sozinho à noite em uma praça de alimentação de um shopping fuleiro – ele disse “na horizontal você vai ver que não tem mais nenhuma diferença de altura”. Fomos. Para minha casa. Ele não era um psicopata. E na verdade não tem mesmo diferença de altura, e as diferenças de tamanho, grossura, tudo o mais que os homens ficam procurando o tempo todo para comparar, tudo isso não significa nada, nada. Só o prazer tem algum significado, principalmente quando se está toda noite jantando sozinho na praça de alimentação de um shopping, quando se está morando completamente só em um universo tão árido.



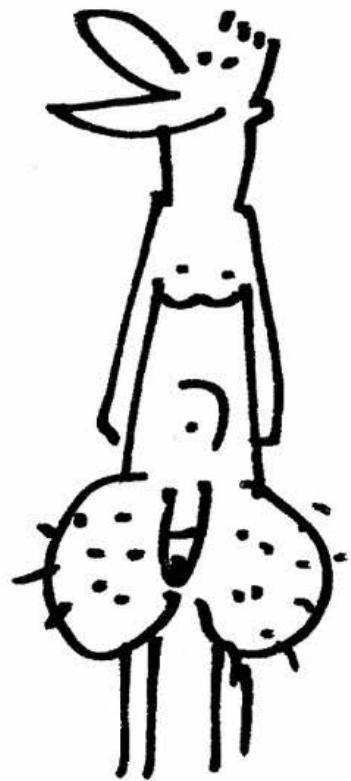


Narrativa registrada em carta por Sophia Galante, lembrando história comunicada a ela pelo Dr. Ângelo Monaqueu. Documento sob a guarda do Prof. Omar Khouri, autor do ícone: "Erotografia" I, ao lado reproduzido.

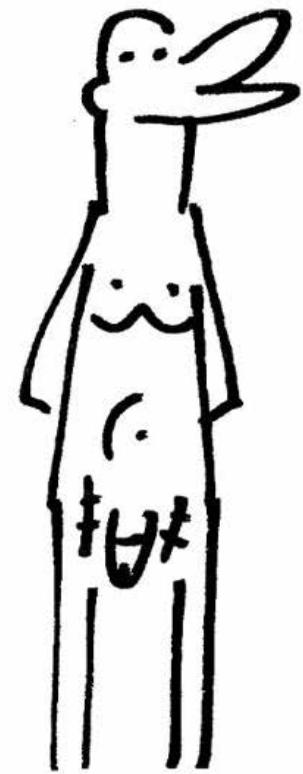
Não se trata de Hermes, aquele que experimentou as agruras do desprezo da fêmea e se auto-internou num hospital, deprimido. Não é Samir, que chupou uma boceta recendendo a calda-de-pêssego. Nem Aristocles, que sempre preferiu as morenas pilosas. Trata-se de um irmão do Mestre que, desde muito cedo mostrou a sua porção animal: animal em tempo de cio! Paradoxalmente, nasceu uma criança linda, de fazer inveja a qualquer bebê johnson: pele rosada, cabelos castanhos com mechas douradas e um par d'olhos azuis de deixar raivosa uma Elizabeth Taylor. Tão lindo, tão lindo era o ser, que Dona Salma, a mãe, tinha medo de esta criança ser roubada por algum admirador. Tão lindo, tão lindo que acabou sendo chamado de Martha Rocha: era a época da beleza estonteante da brasileira-baiana que perdeu por duas polegadas o título de Miss Universo. Daí, Marta, Martinha e todo mundo queria vê-lo de perto, apertar, beijar, abraçar a criança que, diferentemente do que você estaria pensando, cresceu um macho de instinto animal ao se tratar de sexo. Tendo crescido, era a vez do deus Apolo ser acometido da inveja, tanta era a beleza do gajo. Aos dez anos, já era um punheteiro inveterado, a ponto de chegar a uma palidez preocupante! E consta que foi surpreendido por uma professora: ele batendo uma punheta durante um castigo em que era obrigado a ficar confinado atrás da porta da sala-de-aula. Quando da primeira trepada de fato – estava para completar 15 anos – é que se descobriu algo que foi revelado a toda a cidade e a notícia, a partir de uma parceira, se espalhou como um relâmpago: o cara tinha um pau de fazer inveja a qualquer figura de Priapo, dos que ornavam jardins na Roma Antiga. 22 centímetros, com um calibre de 5,3. Isto lhe valeu uma quantidade de requisições de que dez homens não dariam conta! A isso tudo, somou-se uma técnica que as putas e as avulsas disponíveis – versadas que são – se encarregaram de preparar nele. E ele, na medida de um possível quase ilimitado, ia metendo, metendo, não se inibindo com nada: se necessário, treparia embaixo de uma mesa, com pessoas tomando refeição. É impressionante como nós mulheres alardeamos as nossas conquistas que não envolvam um possível ou suposto cômigo! O cara, privilegiado pela Natureza, não se preocupava em parecer desse ou daquele modo; a única coisa que sempre ocupou a sua mente foi a possibilidade de levar uma fêmea para a cama, chão ou barranco. E meter!



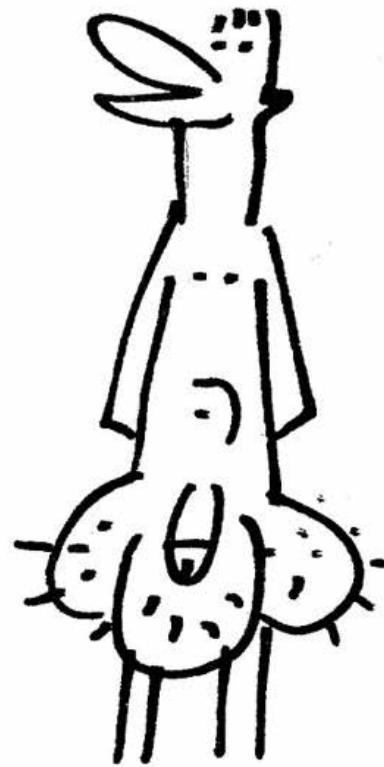
HOMEM. QUAL É O SEU TIPO?



MACHO ESCROTO



EUNUCO



FREAK

ADÃO





Prazeres autodestrutivos

Quando se é atravessado por rejeição desde muito cedo, facilmente o que sobra são resíduos de ressentimentos que nunca vão embora e desaguam em prazeres autodestrutivos.

É a busca pelo ideal destituído, aquela idealização que não é fundamentada na realidade, mas em expectativas criadas no nosso imaginário cheio de ressentimentos do que poderia ter sido e não foi, que nos afunda no próprio caos interno.

Validação através do trabalho excessivo, encontros sexuais superficiais, abuso de substâncias químicas, repetição de relacionamentos tóxicos, compulsão por compras desnecessárias, obsessão por status e corpo “perfeito”, evasão da solidão e do envelhecimento... A “educação” negativa que recebemos socialmente sobre nossos corpos e identidades potencializa a pulsão autodestrutiva ao nos fazer acreditar que somos “uma falha que precisa ser corrigida”. Muitas identidades gays são marcadas por impulsos autodestrutivos que encontram – inconscientemente e paradoxalmente – expressão através de atividades que proporcionam prazer imediato, ainda que prejudiciais a longo prazo.

A pulsão autodestrutiva – ou, em termos psicanalíticos, pulsão de morte – é uma força psicológica que se opõe à pulsão de vida. Enquanto a pulsão de vida busca a preservação e o crescimento, a pulsão de morte busca a destruição, a agressão e a morte. As duas juntas em desequilíbrio se chocam formando prazeres autodestrutivos.

As pulsões de vida e de morte coexistem no sujeito e diante das dificuldades da existência. A busca inconsciente por um retorno ao estado de não-existência pode ser compreendida como uma tentativa de resolver todas as tensões e conflitos. A confiança e o orgulho em nossas identidades precisam superar impressões negativas, pessimistas e genéricas. Por meio de um sistema que define o certo e o errado, quem devemos ou não devemos ser, acabamos reféns da homofobia internalizada ao resumir nossa experiência individual a um coletivo gay artificial e despersonalizado.

Reconhecer e integrar nosso caos interno, é um desafio crucial para promover a consciência e o crescimento pessoal. Ao invés de esperar magicamente menos toxicidade na comunidade gay, pode ser mais produtivo e interessante reconhecer e trabalhar a própria toxicidade.

www



moNUmento



THE MOVEMENT

*Speed-ohs with friends always wins!
At **The Speed-oh Movement** you'll never be alone
in your speed-ohs, and we welcome all bodies!
Join us in celebrating the speed-oh life!*

www

Modelo: Igor. Foto: autorretrato.



FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

